

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
ALEX PEREIRA DA SILVA**

**A CRÍTICA SOCRÁTICO-PLATÔNICA AO  
SUPERFICIALISMO NA EDUCAÇÃO**

Juiz de Fora  
2020

**ALEX PEREIRA DA SILVA**

**A CRÍTICA SOCRÁTICO-PLATÔNICA AO  
SUPERFICIALISMO NA EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado Curso de Filosofia do Centro  
Universitário Academia, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Rômulo Gomes de  
Oliveira.

Juiz de Fora  
2020

SILVA, Alex Pereira. **A Crítica socrático-platônica ao superficialismo na educação.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2020.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (UniAcademia)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 08/12/2020.

Dedico este trabalho com muito amor, à  
minha prima Maria Isabel Ferreira Pereira,  
por me enriquecer diariamente com seus  
dons existenciais mais nobres.

## AGRADECIMENTOS

Ao término de uma jornada, é essencial lembrar, de modo particular aqueles que fizeram parte desse longo, árduo e belo caminho. Portanto, com o coração cheio de gratidão, agradeço:

Àquele que tornou tudo possível por meio de sua misericórdia e que, através da encarnação no seio da Virgem, comunicou o seu imensurável amor à humanidade.

Àqueles que me presentearam com a vida e fizeram-me mais feliz, cercandome de atenção, apoio, carinho, confiança e que serviram de alicerce para a minha formação humana, ética e moral: meus pais Everaldo e Janaína, meus irmãos Juliana e Luíz Felipe, meus avós paternos José Cirino (*in memorian*) e Júlia (*in memorian*) e meus avós maternos Geneci Flávio e Vera Lúcia.

Àquele que me orientou no caminho do conhecimento, enriquecendo-me com seus dons intelectuais mais nobres, deixando gravadas em minha memória e em meu coração as marcas de sua bondade, paciência e sabedoria: Prof. Dr. Rômulo Gomes de Oliveira.

Àquela que merece todo o meu respeito, reverência, estima e que se dispôs prontamente para a correção ortográfica deste texto: Prof.<sup>a</sup> Me. Mariana Aparecida Venâncio.

Àqueles que contribuíram significativamente com a minha caminhada acadêmica, tornando possível a construção deste legado: o Seminário Maior Nossa Senhora de Guadalupe e a Diocese de Leopoldina, que concederam a mim a oportunidade ímpar de encontrar-me com a Filosofia. Também ao Centro Universitário Academia que sempre demonstrou estar comprometido com a qualidade e a excelência de ensino, em especial ao curso de Filosofia, na pessoa de sua coordenadora Prof.<sup>a</sup> Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles.

Àqueles com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências, que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando: meus amigos e colegas de turma. Com enorme apreço, destaco Heitor Vinícius, Leonardo José, Luís Fernando Bertolato e Maycon Zeni, pelo incentivo e auxílio durante a trajetória deste trabalho.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa!

Tente mover o mundo, o primeiro passo  
será mover a si mesmo.

Platão

## RESUMO

SILVA, Alex Pereira. **A Crítica socrático-platônica ao superficialismo na educação**. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2020.

Este trabalho está inserido na linha de pesquisa Filosofia e Educação, com a finalidade de discutir o problema do superficialismo presente na educação contemporânea, à luz de elementos centrais da *paideia* platônica. De cunho qualitativo e articulada por meio da leitura analítica de textos específicos, esta pesquisa aponta para a indagação a respeito do sentido mesmo da educação, sentido esse, que, na era contemporânea, parece ter perdido de vista seu princípio orientador da formação do ser humano enquanto tal. Nesta época, em que o pragmatismo e o imediatismo – além do convencionalismo e do relativismo – reforçam o teor superficial nas relações humanas em todas as dimensões, a Filosofia de Platão ainda emerge como apelo a um processo de educação integral. Esse processo é importante para a constituição ética, religiosa e política dos cidadãos e, especialmente, como constante estímulo à autonomia, afirmando que cabe a cada um o esforço para construir a *polis* ideal. Na busca pela solução de problemas deixados pelos antigos poetas épicos e dramaturgos e, posteriormente, pela filosofia sofista, Platão desenvolve uma nova teoria educacional (*paideia*). Ele a erige a partir de bases sólidas do pensamento de seu mestre Sócrates, naquela que, talvez, seja a sua principal obra: **A República**. É no livro VII dessa obra que o autor descreve em linguagem metafórica seu projeto filosófico-pedagógico, ilustrado pela chamada **Alegoria da Caverna**. Tal projeto é marcado pela intenção de libertar o ser humano do mundo das sombras da ignorância alienante e conduzi-lo à busca do verdadeiro conhecimento, capaz de constituir a interioridade do indivíduo, por meio dos valores e das virtudes. Essa intuição filosófica platônica oferece elementos férteis para iluminar e pensar a educação contemporânea.

Palavras-chave: *Paideia*. Superficialismo educacional. Platão. Filosofia. Educação Contemporânea.

## ABSTRACT

This paper is inserted in the line of research Philosophy and Education, with the purpose of discussing the problem of superficialism present in contemporary education, based on central elements of the Platonic *paideia*. It is a qualitative research, articulated through the analytical reading of specific texts, pointing to the question about the very meaning of education, which, in the contemporary era, seems to have lost sight of its guiding principle of the formation of human being. At the present time, when pragmatism and immediacy - in addition to conventionalism and relativism - reinforce the superficial content in human relations in all dimensions, Plato's Philosophy still emerges as an appeal to a process of integral education. This process is important for the ethical, religious and political constitution of citizens and, especially, as a constant stimulus to autonomy, stating that it is up to each one to make the effort to build the ideal *polis*. In the search for the solution of problems left by the old epic poets and the playwrights, and, later, by the sophist philosophy, Plato develops a new educational theory (*paideia*). He builds it from solid bases of the thought of his master Socrates, in his possible main work: The Republic. It is in Book VII of this work that the author describes his philosophical-pedagogical project in metaphorical language, illustrated by the so-called allegory of the cave. The referred project is marked by the intention of freeing human beings from the world of alienating ignorance's shadows and leading them to search for true knowledge, capable of constituting the interiority of the individual, through values and virtues. This Platonic philosophical intuition offers fertile elements for thinking about contemporary education and illuminating it.

Keywords: *Paideia*. Educational superficiality. Plato. Philosophy. Contemporary Education



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO HUMANO NA PERSPECTIVA GREGA</b> .....	13
2.1	AS BASES DA CONCEPÇÃO PLATÔNICA DE EDUCAÇÃO .....	13
2.2	A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA .....	25
2.3	A ANTROPOLOGIA E A PAIDEIA PLATÔNICAS .....	30
<b>3</b>	<b>O SUPERFICIALISMO NA EDUCAÇÃO</b> .....	36
3.1	O CONCEITO DE SUPERFICIALISMO .....	36
3.2	A EDUCAÇÃO SUPERFICIAL COMO PROBLEMA .....	42
3.3	PLATÃO E A CRÍTICA SOCRÁTICA AO SUPERFICIALISMO SOFISTA .....	45
<b>4</b>	<b>A CRÍTICA SOCRÁTICO-PLATÔNICA AO SUPERFICIALISMO NA CULTURA</b> .....	53
4.1	O DIAGNÓSTICO CRÍTICO APRESENTADO PELA ALEGORIA DA CAVERNA .....	53
4.2	A SOLUÇÃO PARA O SUPERFICIALISMO COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO ILUSTRADO PELA ALEGORIA DA CAVERNA .....	57
4.3	A SOLUÇÃO PLATÔNICA E O SUPERFICIALISMO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA .....	62
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	68
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71

## 1 INTRODUÇÃO

A era contemporânea está inserida em uma sociedade complexa, com grandes populações, uma cultura imediatista e pragmática, além da desvalorização do setor da educação no Brasil. Esses problemas se unem ao preconceito cultural de que a educação atual não pode ou está dispensada de trabalhar a interioridade dos indivíduos, voltando-se também, para valores e virtudes coletivos. Esse conjunto de fatores ocasiona um outro problema de consequências graves: o superficialismo educacional, concretizado em um sistema educacional voltado para cumprir tarefas básicas imediatas.

Tal superficialidade presente na educação viola a integridade formativa, descaracterizando o sentido primordial da educação. Cabe a esta conduzir os indivíduos com corresponsabilidade, para que possam desenvolver autonomia frente aos diversos tipos de problemas, teóricos e práticos, presentes na sociedade.

Diante desse complexo de dificuldades e da centralidade do problema do superficialismo, a Filosofia grega clássica, por sua própria natureza, é capaz de oferecer indicações valiosas para a superação dessas negatividades. Tendo em vista a peculiaridade do problema, a Filosofia socrático-platônica, a respeito da formação humana, possui os elementos adequados para fundamentar uma reflexão coerente e para auxiliar na busca de uma solução possível.

Assim, este trabalho, à luz de alguns elementos da *paideia* greco-platônica, pretende responder às seguintes questões que nortearam toda a pesquisa que originou este texto: o que é o superficialismo na educação? Qual a crítica socrático-platônica ao superficialismo educacional? Qual a solução platônica para esse problema? Para isso, será usada como referência principal a obra **A República** (2016), escrita por Platão em sua maturidade intelectual.

No livro VII dessa obra cardinal, Platão explicita seu projeto filosófico-pedagógico. O ponto central desse livro é a chamada **Alegoria da Caverna**, que visa oferecer, por meio da linguagem mitológica, uma contribuição decisiva para a libertação do ser humano das sombras ilusórias falseadoras da realidade para a contemplação da verdade (*Aletheia*) absoluta de todas as coisas existentes.

Platão apresenta um modelo de educação que se mostra coerente com o da educação vigente na Grécia antiga, ou seja, pensava-se no educar, no ensinar e no aprender de forma harmoniosa e integral, na preparação heroica do indivíduo para a

*polis*, na resolução dos problemas apresentados e no estímulo à autonomia dos indivíduos.

O superficialismo, conceito central neste trabalho, pode ser considerado um fenômeno radical da desvalorização dos valores fundantes da civilização ocidental em suas estruturas social, política, econômica e, especialmente educacional. Essa última dimensão constitui o núcleo central desta pesquisa. A era contemporânea é marcada por esse fenômeno expressivo, responsável por ocasionar certo mal-estar no relacionamento humano, reduzindo esse caráter comunicador e dialogal ao processo de racionalização, isto é, o desencanto contemplativo do mundo. Por isso, a educação tem assumido cada vez mais uma função pragmática, preocupando-se apenas com a solução prática imediata de problemas cotidianos e com a utilidade burocrática do diploma.

Ao lado do pragmatismo e do imediatismo, que afetam diretamente a condição da educação, há, ainda, duas expressões antropológicas que reforçam o superficialismo: o convencionalismo e o relativismo – vertentes as quais diversos filósofos tentaram combater, entre eles, o próprio Platão. Enquanto o convencionalismo se caracteriza por ordem política, produto de uma espécie de contrato social no qual a linguagem e a verdade são resultados de convenções, isto é, são votadas democraticamente por um grupo particular ou específico, o relativismo é uma corrente filosófica que defende a ideia de que não há uma verdade que seja universal, absoluta e necessária (CORDÓN; MARTÍNEZ, 2016).

Diante de tais desafios, o presente trabalho traz, portanto, a contribuição de Platão, filósofo e pedagogo grego, nascido em Atenas (Grécia), no ano de 428 a.C. Foi introduzido na Filosofia, desde cedo, pelo heraclítico Crátilo. No início de sua juventude, por volta dos vinte anos, se encontra com Sócrates, aquele que viria a ser o principal interlocutor de seus diálogos. Assim, Platão tornou-se discípulo fiel do patrono de toda Filosofia ocidental (CHAUÍ, 2000), o que o põe, inclusive, como referência da educação clássica ou como inspiração para sistemas educacionais voltados para a formação interior dos indivíduos.

A principal contribuição desse pensador grego para a civilização e para a Filosofia ocidentais é a defesa de uma educação integral na constituição ética, religiosa e política dos indivíduos, afirmando que cabe a cada um a responsabilidade de construir o Estado ideal. Por meio dessa perspectiva clássica de educação no

entendimento de *paideia*, podem ser descobertas algumas pistas que levam a compreender o sentido originário do verdadeiro conhecimento.

Também vale salientar que a pesquisa e a produção filosófica sobre a *paideia* tradicional grega não são exclusivamente platônicas. Poetas gregos, como Homero e Hesíodo, acordam também a respeito do tema. Mas a maneira e a preocupação pelas quais Platão aborda o assunto, a visão por ele apresentada, se mostram originais e distintas daquelas feitas por esses poetas, por fazer da linguagem mitológica uma ferramenta filosófica a favor da vida. Sua obra eleva a razão à contemplação do Bem, do real e do verdadeiro, para que o homem se afaste do mal, o qual pode ser identificado com a decadência na alienação sistemática, por meio da superficialidade nas diversas experiências humanas.

A abordagem dessa problemática neste trabalho tem como base teórica as obras **Paideia: a formação do Homem grego**, de Werner Jaeger (2013) e **A República** (2016), de Platão. Este trabalho se insere na linha de pesquisa Filosofia e Educação. Os objetivos principais deste Trabalho de Conclusão de Curso são: apresentar o conceito de superficialismo educacional e a crítica socrático-platônica a ele, bem como a solução platônica frente a esse problema e o seu valor para a educação contemporânea.

O presente trabalho se estrutura em quatro seções. A primeira, como introdução, tem a finalidade de que o leitor se situe sobre o que se trata. A segunda seção apresenta um breve panorama histórico das bases que influenciaram positiva e negativamente o pensamento de Platão. Ainda nessa parte, faz-se necessária uma investigação sobre a perspectiva antropológica do autor e sua relação com a questão educacional, já que a pesquisa de base confronta seus pensamentos ético e pedagógico.

A terceira seção apresenta, de maneira descritiva, o problema do superficialismo presente na educação, assim como a crítica socrático-platônica a tal problema. Já a quarta seção aponta uma possível resposta ao superficialismo na educação contemporânea, por meio do uso do paradigma platônico. Por fim, apresentamos as considerações finais, como uma síntese do que foi investigado, na tentativa de responder aos objetivos propostos na introdução.

As referências básicas e complementares que oferecem suporte teórico para o desenvolvimento do tema assumido são apresentadas a seguir: como principal referencial teórico foi utilizada a obra já citada, **A República** (2016) de Platão, pois

traz a **Alegoria da Caverna**, o modelo metafórico platônico para se refletir sobre a educação. Para a melhor fundamentação e aprofundamento teórico do tema, são usadas as obras: **A formação do homem grego** (2013), de Werner Jaeger, devido à propriedade com que o autor aborda a cultura grega e a origem do pensamento filosófico Ocidental; **O Saber dos Antigos: terapia para os tempos atuais**, de Giovanni Reale (1999), que debate sobre o fenômeno conhecido como superficialismo e sobre a sabedoria antiga como auxílio à sua superação; **A educação do homem segundo Platão** (1999), de Evilázio F. Borges Teixeira, que traz as ideias do filósofo antigo acerca do problema pedagógico e as relaciona com as perspectivas antropológica e ética dele. Por fim, o **Dicionário de Filosofia**, de Nicola Abbagnano (2007) que ajudou a delimitar o conceito de *paideia*. Visando o desenvolvimento deste trabalho, a metodologia utilizada foi de cunho qualitativo e articulada por meio da leitura analítica de textos específicos.

Como Platão sistematizou a *paideia* como uma nova proposta de formação para os indivíduos, cuidando especialmente dos valores e das virtudes, isto é, da formação interior do ser humano, então podemos inferir que o filósofo oferece elementos relevantes e ainda férteis para se pensar a educação contemporânea. Portanto, a solução socrático-platônica pode ser uma referência iluminadora para a educação, enquanto preparação de indivíduos autônomos em contextos sociais cada vez mais complexos.

## 2 A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO HUMANO NA PERSPECTIVA GREGA

Em primeiro lugar, seria mais apropriado rememorar e elucidar alguns elementos históricos da cultura grega a fim de enquadrar a imagem de Platão naquele contexto em que se deu início à civilização ocidental. Destacamos isso sem deixar de levar em consideração a representatividade que ocupou em grande parte do tempo, naquela época. Nesta seção, portanto, serão apresentados alguns pontos significativos do contexto histórico do pensador em questão, que certamente influenciaram sua Filosofia e seu pensamento pedagógico. Também será feita uma reflexão acerca da relação entre educação e concepção antropológica. Por fim, uma abordagem mais geral e objetiva da *paideia* e antropologias platônicas, como forma de compreensão de alguns dos conceitos que podem ser essenciais a esta pesquisa.

### 2.1 AS BASES DA CONCEPÇÃO PLATÔNICA DE EDUCAÇÃO

O advento da civilização grega bem como sua originalidade, com todas as suas características culturais enquanto paradigmas que permearam a construção da tradição ocidental, floresce, sobretudo, no período arcaico da Grécia, no decorrer dos séculos VIII a.C. e VII a.C., com o desenvolvimento do espírito e da inteligência grega. O desenvolvimento dessas manifestações da concepção humana exprime filosoficamente duas ilustres bases do próprio homem, segundo a classificação do filósofo e padre jesuíta brasileiro, Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002). Em sua obra **Antropologia Filosófica I** (1991), ele define: “[...] o homem como animal que fala e discorre (*zoon logikón*) e o homem como animal político (*zoon politikón*)” (VAZ, 2006, p. 20, grifos do autor).

Dessa forma, o século VII a.C., considerado o século de Esparta, foi permeado pela prática, por parte do Estado Espartano, de formar todos os cidadãos até os sete anos de idade com estilo, educação e honrarias militares, a fim de promover a conduta política e a adesão dessas pessoas à nação (LAZARINI, 2007). Como cada cidadão era inserido pelo aprendizado e pelo treinamento cívico-militar, aos ofícios das armas, desde sua tenra idade, sua vida pertencia ao estado espartano, cuja finalidade era servir inteiramente à defesa da instituição estatal.

Esparta era, na época arcaica, um poderoso e forte centro cultural e militar, além de uma profecia consistente, ou seja, a representação simbólica do que anos depois iria se repetir dialeticamente: a constituição poderosa e democrática de Atenas no século V a.C.. Tudo o que começou a ser afirmado, desenvolvido e pensado durante o século VII a.C, pelos filósofos ligados a assuntos e elementos relacionados à natureza – como a pergunta sobre a *arché* (princípio) entre os quais se destacam Heráclito e Parmênides – fora base para que a Filosofia ganhasse seu apogeu com a riqueza cultural e formativa produzida nos séculos V a.C. e IV a.C., período clássico da Grécia antiga. Vale enfatizar que não é intenção deste trabalho detalhar toda riqueza produzida por esses pensadores, apesar de ocuparem um lugar de destaque no caminhar promissor da história filosófica.

Nesse sentido, para melhor compreender e investigar a concepção platônica de educação, bem como sua finalidade, faz-se necessário apontar e elucidar alguns elementos históricos principais relativos ao tema na Grécia antiga que posteriormente influenciaram o pensamento, ou seja, o sistema filosófico de Platão. Entre eles, o mais significativo é o entendimento da educação como *paideia*. Por este termo, entende-se inicialmente criação de meninos, isto é, do grego *paidos* (criança) (JAEGER, 2013). Dessa forma, o conceito se fundamenta no princípio de cultura, especificamente no sentido de formação do homem, sua melhoria e refinamento: “por essa razão, é equivalente a palavra latina *humanitas* que diz respeito à formação da pessoa individual com base nas **boas artes**, ou seja, na poesia e na filosofia, por exemplo” (ABBAGNANO, 2007, p.261, grifo nosso).

Por esse ângulo, o filólogo alemão Jaeger (2013) em sua monumental obra, considerada clássica pela própria tradição filosófica, por proporcionar autenticidade e robustez à pesquisa e ao estudo da civilização ocidental e da cultura grega, declara que:

Ao empregar um termo grego para exprimir uma coisa grega, quero dar a entender que essa coisa se contempla, não com os olhos do homem moderno, mas sim com os do homem grego. Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com que os gregos entendiam por *paideía*. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global, e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez (JAEGER, 2013, sem paginação, grifo do autor).

O autor ressalta, portanto, que a raiz educacional da Grécia não se limita ao modo concreto e prático de ensinar, pois representa toda a dimensão cultural difícil de ser totalmente abarcada ou esgotada. A ideia de cultura no entendimento de *paideia* já aparecia inserida no problema angustiante sobre a finalidade humana em relação ao seu destino, enquanto debate reflexivo entre as comunidades gregas, tornando-se o principal marco na passagem do período arcaico para o período clássico (TEIXEIRA, 1999). No mesmo entendimento, a diferenciação da ótica emitida nessa época favoreceu o entendimento renovado da definição e compreensão do homem que habitava inteiramente aquela região.

Desde sua origem, o povo grego, em sua atuação filosófica, se deparou com uma dificuldade imensa de conciliar o homem, como um ser de construção e atuante na vida da *pólis*<sup>1</sup>, com as reflexões acerca de seu destino (*moira*), que desde os primórdios gastam muita energia desse mesmo homem. A participação livre do homem nesse contexto e como parte dessa reflexão grega só pode ser considerada possível por meio da tragédia grega. Em um momento salutar, a tragédia grega, alimentada pelo mito foi entendida como um conjunto de sentimentos, expresso por meio do gênero teatral, no qual se demonstra o modo prático do desespero humano. Este era expresso nas histórias trágicas e dramáticas, derivadas das misérias humanas, as quais envolviam personagens da mitologia nobre ou heroica.

Nesse sentido, é possível notar, no contexto arcaico em relação à Grécia, a preocupação exacerbada com o destino humano, expressando o mais sublime e profundo desamparo do próprio homem.

Contextualmente, importa recapitular o sentido da formação greco-platônica nos séculos V a.C. e IV a.C, a fim de esclarecer em que medida é possível falar em educação integral humana naquele contexto, bem como verificar sua pertinência na atualidade. Em primeiro lugar, isso exige rever historicamente esses séculos, analisando a produção poética de Homero e Hesíodo, enquanto espaço primordial, em que nasce a educação civilizatória no Ocidente. As obras desses poetas já circunscreviam um objeto educacional idealizado, que fora assumido na antiga

---

<sup>1</sup> Eram cidades-estado da Grécia antiga, as quais foram fundamentais para o desenvolvimento da cultura grega no final do período homérico, período arcaico e período clássico. Por meio dessa caracterização se entende uma cidade soberana, autônoma e independente, cuja institucionalização composta por uma assembleia de cidadãos livres para elaborar leis e projetos que possam fortalecer ainda mais essas circunscrições. Portanto, Atenas e Esparta se destacam como as cidades gregas (*polis*) mais importantes do mundo grego. Faz-se necessário esclarecer que no texto ora vai aparecer cidade-estado, ora, aparecerá Estado ou, cidade grega para definir o único e o principal objetivo: *polis* (TEIXEIRA, 1999).



Grécia, manifesto na epopeia grega, com indícios filosóficos, preocupando-se profundamente com a concepção do mundo, com a religiosidade e a divindade, ou melhor, com a própria correlação entre o humano e divino. Esse ideal se refletia na maneira formativa das gerações vinculada ao conceito de *areté*, que pode ser traduzido e entendido, de modo simplificado, como excelência ou perfeição de alguma categoria, ou seja: significa virtude (JAEGER, 2013).

Observa-se que a autêntica realização e a finalidade constitutiva da *paideia* orientavam-se ao alcance da *eudaimonía*, que é tradicionalmente traduzida como felicidade. A felicidade indica uma dupla realização da vida individual: para si mesmo, como pessoa, e para a *polis*, como cidadão. A felicidade grega é a consciência do desenvolvimento da exuberância moral, física e intelectual do indivíduo, por um lado, e da unidade social, incluindo o investimento na amizade, por outro, e tudo isso em vista da construção da cidade-Estado igualitária, justa e ética.

O século IV a.C., com as situações que nele aconteceram, pode ser considerado o período que resolveu colocar um basta no “[...] século de maior florescimento com o desenlace trágico que a História conhece” (JAEGER, 2013, p. 481), que perpassou o século anterior. Assim sendo, o século VI a. C. fora marcado por tantos desencontros, desordens, desafios não solucionados no século VII a.C, como as ideias golpistas de Cílon, além de metas inatingíveis (TEIXEIRA, 1999). Todos esses detalhes foram meios que contribuíram para o enfraquecimento político de Esparta, abrindo caminho com razões influenciadoras, para que Atenas, o berço de Platão, assumisse o poderio dentro das circunscrições gregas.

Apenas com alguns resquícios dos desafios e problemas do século VI a.C, intrínsecos à cultura filosófica grega, o século IV a.C. foi definido ou classificado como o período clássico da história educacional grega, ou melhor, da *paideia* grega, se as circunstâncias estabelecidas nessa época forem entendidas enquanto despertar de um novo ideal de cultura e de educação consciente e madura. Essa definição classificadora do respectivo século subtende que ele foi responsável, por meio das diversas reflexões, por despertar e elaborar profundamente, de acordo com suas crenças e virtudes interiores, uma orientação ideal, consciente e objetiva. Essa orientação ideal visava à reconstrução externa e principalmente, do interior humano, que havia sido aniquilado em meio à catástrofe com a queda brutal e dimensional de Atenas em 404 a.C., bem como dos valores até então construídos

por conta de uma guerra entre as cidades-estados gregas ao longo de trinta anos (JAEGER, 2013).

Durante certo período não muito curto, a maioria das cidades gregas se envolveu em guerra contra os persas na finalidade de conquista de territórios, pois o mundo grego antigo não se limitava à extensão territorial grega da atualidade. O império helênico, no seu máximo grau de desenvolvimento e poder era formado por grandes e pequenas comunidades ao longo do mar Mediterrâneo, perpassando pela Jônia até o sul da Itália. É importante destacar que muitas dessas comunidades eram independentes, mas com algumas características em comum, como a crença religiosa, por exemplo.

Entretanto, Atenas, como os demais Estados gregos fora invadida e destruída em meio a essa guerra contra os persas. Ela contava com o apoio de uma liga de combatentes conhecida como Liga de Delos, ou seja, uma organização militar, oriunda de vários lugares e regiões com o objetivo de defender totalmente as cidades-estados (REALE, 2014). Essa organização, formada por corpo, ideia e força militar, era comandada diretamente por Atenas. No final dessa grande batalha, os persas foram vencidos e derrotados pelos atenienses. Essa vitória sobre os persas trouxe uma aproximação de grande prestígio social para o Estado ateniense, refletido e honrado por meio de seu povo e de sua constituição.

Em razão dessa guerra, surgirá o aprimoramento e a instituição do processo democrático de direito, ou seja, o florescimento da democracia, iniciando, assim, um novo tempo, o século V a.C. A partir desse período, a cidade-estado Atenas passa a ocupar devidamente, com todas as suas definições hierárquicas, um lugar especificamente importante na Grécia. Já no século V a.C., a Grécia paulatinamente alcançará, ou melhor, fará florescer a marca primordial como parte de todo seu processo cultural, tudo o que fora articulado e produzido: a civilização. Parte desse alcance glorioso teve contribuição de forças estabelecidas vindo de seu mais exuberante e ilustre governante, Péricles. Péricles atuou diretamente administrando Atenas por cerca de trinta anos, deixando o poder com enorme aprovação por parte dos atenienses, condecorado por esse povo como “[...] o grande modelador e símbolo da democracia” (TEIXEIRA, 1999, p. 17).

Entretanto, por causa da guerra, o povo tinha consciência materialista, ou seja, os fundamentos morais construídos até então tinham sido arquitetados de forma materialista, apegados aos meios físicos. A concepção de Império tinha a

finalidade de ajuntar riquezas, privilégios, ostentação e não forças espirituais, visando o desenvolvimento cultural, ético e religioso das comunidades.

Nesse sentido, Atenas, propriamente dita, tornou-se centro histórico, comercial, político e econômico de toda cultura civilizatória grega. Sobre essa confirmação gloriosa ateniense é possível ler que:

Também agora Atenas continuava a ser – ou, antes, foi agora que ela começou a ser de verdade- ser de verdade - a *paideusis* da Hélade. Todos os esforços se concentraram na missão que a história propunha à nova geração: reconstruir o Estado e a vida inteira sobre sólidos fundamentos (JAEGER, 2013, p. 483, grifo do autor).

Atenas passou a ser considerada a *paideusis* da **Hélade** por constituir estilo de vida diferente dos outros povos, voltado para o meio cultural e político. Havia língua e crença religiosa próprias, inseridas na convivência social como forma ritualística no culto de seus deuses, configurados por meio dos mitos. A cultura religiosa da Grécia antiga e arcaica se dava em meio às relações e ao discurso mítico por não haver livros sagrados nem dogmas. O que caracterizava o sistema religioso dos gregos, com a manifestação constante de suas divindades, era a obra dos poetas que, ao mesmo tempo em que eram escritas por inspiração divina, também possibilitavam um papel educativo com a finalidade de promover disputas espirituais entre os indivíduos, para o crescimento do prestígio social (JAEGER, 2013).

Esses principais elementos, que contribuíram na constituição do povo grego, se difundiram ao longo do tempo, manifestando-se em diversas formas e faces vinculadas à maneira metodológica dos poetas ensinarem. Na concepção de Homero e de Hesíodo, a educação interligada com a *areté* concebia todo valor físico humano à dinâmica da guerra. Em outras palavras, ser guerreiro era a principal virtude grega, privilegiando a nobreza daquele tempo, pois somente os jovens nobres, à época, poderiam ser guerreiros “[...] porque estes eram considerados possuidores de sangue divino” (BOLLIS, 2013, p. 36). A fundamentação do sistema educacional e da elevação virtuosa nesse período estava enraizada nos ensinamentos dos poetas.

Nessa mesma linha epistemológica insere-se a sofística, movimento da antiguidade clássica, que será tratado mais especificamente em outra seção. Ela caracterizava a virtude como persuasão, competência e genialidade. A sofística era

uma prática carreirista e técnica que permitia desempenhar funções e ocupar cargos de alto grau na política, atendo-se ao direcionamento da cidade-estado enquanto espaço político.

À medida em que a *polis* vai sendo desenvolvida e expandindo-se social, intelectual, econômica e politicamente, tomando novos rumos, a virtude heroica e guerreira dos pensadores do século V a.C., ligada à antiga *paideia* aristocrática, que entendia o fortalecimento humano, bem como seu crescimento integral, por meio da perfeição corporal e espiritual, deixa de ser meramente ensinada e assume um novo sentido político, comprometida com o Ser, com aquilo que é, ou seja, a verdade (BOLLIS, 2013). Intrínseca a esse período, a excelência humana mais sólida e concreta segue o ideal formativo enquanto desprendimento material, elevando o espírito e proporcionando entre os homens o papel importante de justiça, para que pudessem trazer harmonia na cidade-estado por meio da *práxis*, isto é, da ação.

O século V a.C. fora primordial na reflexão filosófica de maneira profunda sobre o saber. Afinal, como era entendido o saber no período anterior? O saber no período anterior era entendido enquanto método a ser ensinado e aplicado e não intrinsecamente na formação comunitária humana, ou seja, o fortalecimento e desenvolvimento educacional visava o apreço individual e não comunitário. Entretanto, agora o saber passa a ser refletido e destacado enquanto elevação espiritual com ênfase no desenvolvimento da virtude política, ética e intelectual como forma de exaltar e contribuir para a realização existencial humana na cidade grega.

O homem, contudo, inserido naquele método, passa a ser treinado copiosamente para o exercício da virtude, não havendo liberdade e nem atenção própria para que ele escolhesse o caminho da felicidade. A vida feliz nessa época partia do que era comum na comunidade, envolvendo todos os cidadãos, e valorizando a vida coletiva. Assim sendo, o ideal formativo do homem grego não é realizado de forma plena se ele estiver distante da vida social. O cidadão deve, assim, estar inserido na *polis*, ou seja, no pertencimento comunitário, porque é estabelecendo leis e valores que a *paideia* se realiza.

Porém, em uma observação contínua e concentrada sobre a História da Filosofia, o autêntico sentido da *paideia* vem desfigurando-se, tomando outro rumo em relação à sua essência, sofrendo fragmentação, “[...] muito longe do sentido nobre que adquiriu no século V a.C” (LAZARINI, 2007, p. 12). Na sua gênese, o conceito de *paideia*, como já explicitado no início desse item, significava a criação de

meninos (JAEGER, 2013). Em outras palavras, pode-se dizer que o sentido do termo em questão, anterior ao século V a.C., era salientado como instrução, formação, ensino dos valores, das virtudes e dos ofícios, na pretensão de cultivar intensamente as crianças (LAZARINI, 2007).

Essa criação se dava em casa na Grécia antiga, privilegiando as residências nobres. As crianças, desde cedo, eram disciplinadas por um responsável de confiança da família aristocrática para inserir a criança no aprendizado da boa expressão linguística, visando o futuro promissor da pessoa enquanto líder político, prosseguindo a tradição e preservando a imagem política familiar. Além da tradicional preparação para a vida política, as crianças deveriam aprender a se comportar social e moralmente. Nesse sentido:

Desde cedo a criança era iniciada na tradição das práticas culturais, ouvindo músicas e cantigas de ninar e histórias de contos de fada e fábulas de Esopo, com personagens animais, narrados oralmente pelas aias e amas de leite. Os mitos e lendas dos deuses também eram revelados desde tenra idade, servindo-se da moral das narrativas para influenciar a conduta da criança, mas sem haver um ensino formal ou regular para as crianças até os sete anos (BOLLIS, 2013, p. 37).

A autora afirma que o desenvolvimento da criança era concebido de maneira expansiva e obrigatória, levando conhecimento da mitologia e da manifestação dos deuses como apreciação influente na vida particular infantil.

Nessa perspectiva, o ensinamento transmitido para as crianças é concreto, fundamentado, tradicional e cultural, não é um ensinamento particular, pois “[...] não se trata de um conjunto de ideias abstratas, mas da própria história da Grécia na realidade concreta do seu destino vital” (JAEGER, 2013, p. 5). Contudo, se não fosse intenção ou preocupação dos gregos formularem seus próprios estilos e modalidades, essa história espiritual e significativa nas cidades gregas primitivas já teria desaparecido ao longo do tempo (JAEGER, 2013).

Nota-se, por aí, o marco específico e cultural grego na sua origem: o privilégio constante de uma aristocracia de guerreiros no poder. A origem da *paideia* se assegurava nos ensinamentos de um sábio, a quem era confiado todo processo de ensino e aprendizado para que o jovem nobre se tornasse cavalheiro, ou seja, uma salutar formação humana totalmente entregue e idealizada para atingir um ideal de nobreza, por meio da guerra. Mas para que um jovem daquela época se tornasse cavalheiro, pronto para guerrear, era necessário ouvir experiências e não se tornar

um herói por si só. Ele precisava tomar consciência de sua ignorância e não confiar em suas capacidades, exigindo, assim, um tutor do seu lado.

A literatura grega conservava plenamente os escritos poéticos de Homero e Hesíodo enquanto escritos sagrados, que deveriam ser preservados, lidos e decorados como caminho para se tornar um bom guerreiro. A tradição grega, desde então, centralizou especificamente o pensamento homérico, porque acreditava que:

Por meio da epopeia homérica, os gregos buscavam a formação do homem completo, intelectual e moralmente bom. Todo o grego cultivado levava à cabeceira a *Ilíada* e a *Odisseia* que recitava de cor (BOLLIS, 2013, p. 39, grifo do autor).

A literatura era um método presente na educação grega. Por essa razão, um experiente conhecido como velho sábio deveria conduzir o jovem a aprender a ser homem maduro, forte e belo. Porém, essa realidade estava completamente longe do ideal platônico. O sistema educacional vigente nessa época histórica passa a ser duramente criticado por Platão, pois a imitação estava fora da verdade, influenciando o próprio pensador em questão a verificar as aparências e as sombras. A contemplação das aparências tornaria as ideias vazias e, na plenitude estética, ou seja, no exterior, criada no passado remoto que proporcionou desastres e fragmentações em vários sentidos, não estaria alinhada ao Bem. A excelência humana na ótica homérica era formar o homem virtuoso com coragem, adquirindo cada vez mais essa prática objetiva para que o jovem fosse considerado o mais preparado fisicamente, ou seja, o melhor para guerrear.

A expressividade da *paideia* como manifestação real é o modelo mais procurado na indicação que forma a humanidade grega. É uma expressão ampla na tentativa de abarcar os acontecimentos espirituais do Estado grego e não simplesmente um conceito simbólico abstrato.

O conceito em destaque é a manifestação da essência cultural de educação ligada às dimensões da existência, daquilo que constrói a sociedade integralmente em uma mensura inseparável da *polis* ou da ação individual. A perfeição é o paradigma, tendo em vista o olhar do espírito na constância formativa de um elevado tipo de homem. A essência florescente da *paideia* está na exploração completa da virtude elevando a natureza humana, isto é, formando o cidadão na excelência moral, levando-o a fazer parte ativamente do reerguimento do estado ateniense: “é

assombrosa a rapidez com que o estado ateniense se recompôs da sua derrota e soube encontrar novas fontes de energia material e espiritual” (JAEGER, 2013, p. 482).

A travessia formativa do homem grego só pode ser insigne na sua complexidade se forem levadas em consideração as diversas transformações e enriquecimentos superficiais e simplistas do sentido da virtude, que “[...] no período arcaico significava a *areté* guerreira heroica e no período clássico assume o sentido de formar o cidadão segundo os ideais de excelência da *polis*” (BOLLIS, 2013, p. 4, grifo do autor). A cidade-estado perfeita e completa pode ser constituída a partir da invocação de um ideal humano em sua essência virtuosa. O protótipo de herói é constituição educativa e ética na vida coletiva aristocrática. O modelo idealizado para ser seguido é condição de possibilidade para um caminho perfeito enquanto pista pedagógica da educação grega.

Conceber o paradigma orientador do pensamento filosófico platônico é questionar a natureza, o sentido e a finalidade da educação. Afinal, qual o sentido e a finalidade de educação para Platão?

Uma educação integral do indivíduo tem como fim o direcionamento do espírito humano e a realização da elevação gradativa de qualidades como justiça, honestidade, caráter, intelectualidade e crítica. A educação, na concepção platônica – cuja finalidade é a conduta racional na busca incessante da verdade em todos os campos existenciais – pode ser entendida enquanto possibilidade de superação dos ideais da materialidade, ou seja, como uma ruptura com a visão da antiga educação aristocrática, que é vivenciar constantemente os privilégios pertencentes à nobreza (BOLLIS, 2013).

A hodierna concepção de educação no entendimento de *paideia* que estava nascendo vinha à luz para suprir as vigentes necessidades e demandas, como resolver os conflitos na comunidade, por exemplo. Dentre essas contendas, estava a pretensão de cultivar diferenças sociais entre as pessoas. Com isso, a vida humana carecia de um novo sistema educacional, capaz de orientar o novo ideal de homem:

Tanto nas suas projeções políticas e pedagógicas como no terreno ético e religioso, o espírito dos gregos expandiu-se livremente e emancipou-se do existente e dos seus entraves, criando o seu próprio mundo interior independente. A sua caminhada em direção a uma nova *paideia* partiu da convicção de que era necessário um ideal novo e mais alto do Estado e da

sociedade, e acabou por ser a busca de um novo Deus. Depois de ver como se desmoronava o reino da Terra, foi no reino dos céus que o humanismo do século IV estabeleceu a sua morada (JAEGER, 2013, p. 486, grifo do autor).

Tal formulação consciente é apoiada no mesmo princípio da educação tradicional da antiga aristocracia, mas diferencia-se no molde e na visão categórica: todos os cidadãos passam a ser considerados nobres. Uma boa formação de um elevado tipo de homem era o fim aguardado para justificar o progresso da comunidade por meio da *paideia*, ou seja, a permanência comunitária e a função individual de cada cidadão se dava por meio da aplicação correta e com responsabilidade da *paideia* (BOLLIS, 2013).

O entender dinâmico do espírito grego na convivência comunitária faz com que a unidade e o bem comum da coletividade sejam aceitos em primeiro lugar, rapidamente, em detrimento à individualidade. O ideal de República era mais importante que o privado. Vale lembrar que nem sempre o pensamento, a ação e o comportamento dos cidadãos foram dessa maneira. No tempo homérico, o sentido da virtude estava relacionado à perfeição do cidadão. O homem tinha que ser perfeito exteriormente: robusto, forte, belo, valente e saudável para ser imitado, ou seja, um paradigma no verdadeiro sentido contemporâneo.

Para Homero, cada um era responsável pela sua própria vida e honra por meio da defesa do território grego. À medida em que a *polis* vai se expandindo e o homem vai desenvolvendo novas habilidades e potencialidades, a cultura passa a ser mais intensificada, principalmente nos questionamentos sobre a formação humana. Portanto, a nova batalha que se trava é a luta pela contemplação real da verdade, por meio dos diálogos, substituindo o antigo método de ensinar, isto é, através de poesia, “[...] nos quais Platão e seus camaradas iniciam o mundo no último sentido das investigações socráticas sobre a finalidade da vida” (JAEGER, 2013, p. 487). A partir dessa batalha, o homem passa a ser formado na sua multiplicidade e potencialidade, ligado à sua principal virtude: o conhecimento filosófico, ou seja, a sua busca incansável pela verdade.

Platão analisa a forma de ensinar na antiga Grécia. Depois de discordar da metodologia usada pelos seus precedentes – como Homero, Hesíodo e os Sofistas – sobre o ensinamento da virtude, o pensador grego propõe uma nova forma



educativa, seguindo os ensinamentos socráticos, para parir o verdadeiro conhecimento.

Sócrates professava que o conhecimento já estava dentro do ser humano e, à luz do diálogo, viria à tona a verdadeira sabedoria, pois “[...] o papel da educação não é dar a visão, mas orientar a visão” (SOARES, 1995, p. 97). Esse verdadeiro papel da educação para Platão seria aplicado na idade madura do cidadão por considerar a capacidade discursiva de cada um, brotaria no reconhecimento da própria ignorância. Por isso, pode-se dizer que aquela crise de Atenas foi responsável e incentivadora para essa situação platônica, sem deixar para trás as bases fundadoras da antiga *paideia*, apenas o conteúdo orientado nas poesias de Homero e Hesíodo.

A nova proposta de Platão era conduzir o homem ao verdadeiro papel de fazer Filosofia, ao Bem em si mesmo, alinhado entre duas modalidades de sustentação anteriores ao filosofar e à busca do Bem: ginástica e música – o sentido de música, aqui empregado, caracteriza-se pelas “[...] artes inspiradas pelas musas, personagens da mitologia grega, e não ao sentido contemporâneo do termo, que é utilizado para um determinado tipo de arte sonora” (SILVA; DIAS; SILVA, 2019, p. 11). A caracterização de música e ginástica expandiria a função educativa, educando justamente alma e corpo, integrando a dualidade humana para melhor agir na *polis*. O agir humano na cidade-estado contribuía no desenvolvimento ontológico das almas para nascerem as principais virtudes e valores, como justiça e temperança. A educação viria a partir desses conceitos virtuosos, isto é, de uma sábia fundamentação, produziria a felicidade perfeita, que eclodiria na justiça, a finalidade de uma cidade-estado equilibrada.

De acordo com o pensamento platônico, pode ser entendido e considerado como homem perfeito e completo o filósofo, pois particularmente consegue exercer a realização da vida, com seus questionamentos e investigações, usando da sua racionalidade para seguir as orientações do espírito. Portanto, o caminho filosófico na sua amplitude é considerado por Platão como o único, imutável e verdadeiro processo para a *eudamonia* educacional, no fortalecimento recíproco do Estado grego, pois, com isso, a cidade deixa de ser defendida e governada por guerreiros e passa a ser defendida por filósofos.

Mas para se compreender com precisão como se dá esse processo de educação do indivíduo, é necessário conhecer a base antropológica que o fundamenta e que lhe impõe seus contornos específicos.

## 2.2 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA

No âmbito do progresso constante do saber em todas as suas dimensões, o conhecimento humano é permeado e manifesto por meio da diversidade científica e caracterizado nas dimensões econômica, política, social e tecnológica. Ele representa o desenvolvimento racional e criativo do homem, visando seu próprio bem-estar. Essa construção humana não parte somente de sua capacidade racional subjetiva, mas também de sua capacidade criativa, porque os seres humanos são

[...] seres “aprendentes”. Os animais pertencem ao primado do condicionamento genérico, da instrução, do treinamento, do adestramento, e esses são os limites de seu aprendizado. Nós, os humanos somos seres disso tudo também. Mas, para além “disso tudo”, somos seres de algo bem mais complexo. Algo que ao longo da história foi recebendo nomes como capacitação, educação, formação humana. Afinal os animais sabem e sentem. E nós sabemos e sentimos. Mas a diferença está em que nós sabemos que sabemos, e nos sabemos sabendo (ou não sabendo); e nos sentimos sabendo e nos sentindo (BRANDÃO apud TOSTA, 2013, p. 236, grifo do autor).

O homem é humanizado por meio da prática com que o sentimento humano impregna cada elemento, ao constituí-lo como sentido não natural, mas simbólico. O homem, enquanto animal simbólico, tem “[...] a capacidade de transmitir informações sobre coisas que não existem” (HARARI, 2019, p. 33), ou seja, por construir e inventar mitos e narrativas, tem uma dimensão diferente ou distinta dos outros animais, que é a dimensão cultural, a qual contribui para a sua própria formação.

Além da dimensão cultural, sendo a mais importante que o diferencia, o homem tem um destaque próprio na natureza por ainda não ser totalmente acabado, ao contrário dos demais animais que estão presentes na natureza como seres vivos já prontos, e, portanto, sem uma expressão cultural significativa, crítica e curiosa. O homem é o único ser capaz de perguntar pela sua própria existência. Por meio dessa curiosidade, traz cravado na sua memória o imperativo de crescimento em todas as suas dimensões, desde a corporeidade com suas angústias, com seus

desejos, acertos e contradições, cultura, linguagem, sociabilidade, o êxtase das artes, a técnica, à religião, ao fim último de sua existência (HARARI, 2019).

Nesse contexto, se a educação for entendida em seu sentido amplo de processo de integração dos indivíduos à sociedade, com a conseqüente preservação da cultura, o meio pelo qual, aquela sociedade entende como o homem é, e o que ele é capaz de aprender, verificar-se-á que antropologia e educação, naturalmente, se relacionam e são intimamente interligadas, herdando o modo humanista de pensamento, ou seja, o progresso e o bem-estar do homem (TOSTA, 2013).

Herdando uma mesma matriz do pensamento, a ciência antropológica e a ciência educacional permitem uma leitura e uma investigação mais antropológica, no seu sentido original como meio avaliativo, cujo projeto é falar e pensar sobre o homem “[...] numa perspectiva de desenvolvimento integral e formativo” (TOSTA, 2013, p. 236). Afinal, quem é o homem? Sabe-se que essa interrogação não pode assumir uma atitude de indiferença ou superficialidade, conforme afirma o evolucionista inglês:

A interrogação de todas as interrogações para a humanidade- o problema que subjaz a todos os outros e que mais do que qualquer outro suscita o nosso interesse- é a determinação do lugar que o homem ocupa na natureza e das suas relações com o universo das coisas. De onde provém a nossa espécie; quais são os limites de nosso poder sobre a natureza e do poder da natureza sobre nós; qual é o fim para a qual caminhamos; esses são os problemas que depara novamente e com imutável interesse cada homem que vem ao mundo (HUXLEY, 1963 apud MONDIN, 1980, p. 7).

A realização da vida humana depende dessa reflexão, seja ela individual ou social, bem como nossas relações com os nossos semelhantes. Assim, é característica primordial da educação por meio da antropologia fazer surgir e analisar propósitos e possibilidades decodificadoras para instituição de valores universais (MARTINS; MORIAS; 2005) e culturais na estrutura social, política, espiritual, ética e psíquica da *polis*, seguindo o ideal da antiguidade clássica, ou seja, formar o homem de acordo com os valores que verdadeiramente importam.

Dessa maneira, levando uma aproximação entre os olhares reflexivos sobre as fronteiras entre antropologia e educação, a instituição de valores ocorre no processo intrínseco nas diversas modalidades de manifestação educacional, ou seja, os métodos desenvolvimentistas que orientam os saberes, os quais, adquiridos na

estrita relação entre antropologia e educação, devem ser pensados para a construção do interior humano, visando uma autêntica humanização virtuosa (TOSTA, 2013).

Os métodos devem preservar o verdadeiro sentido humano de construir propósitos e virtudes na comunidade e não serem máscaras, roupagens e aniquilamentos. O próprio homem torna-se responsável por aquilo que constrói, desenvolve, expande e organiza. A intencionalidade humana deve estar sempre aberta à reflexão antes de qualquer decisão, pois é o principal fator que contribui para sua felicidade e realização. Em contraponto, temos a derrota, a crise e a fragmentação.

Nesse sentido, a aplicabilidade diferenciadora não está presente apenas entre os muros das metodologias e práticas pedagógicas, ela também estabelece concepções entre interfaces humanas, quase sempre impermeáveis no contexto intercultural no qual se situa, ou seja, no desacordo de sua especificidade educativa: a socialização. O ideal de homem que se pretende formar depende constantemente da socialização, pois a convivência social tem a especificidade de produção e transmissão da cultura, ou seja, as normas, as leis e as metodologias inseridas na cidade-estado não são “[...] procedimentos e cuidados necessários à análise antropológica, quando seu objeto de análise é a educação” (MARTINS; MORAIS, 2005, p. 83). Ao contrário, não abre caminho para a alteridade, enquanto essência antropológica, manifestar-se.

A antropologia só pode ser entendida e aceita dentro do conhecimento epistemológico, quando retorna imediatamente ao próprio fundamento: “[...] a relação com o outro” (TOSTA, 2013, p. 237). Enquanto paradigma fundante da relação antropologia e educação, essa relação justifica o entendimento e a aceitação epistemológica inseridos no discurso, nas ideologias na mentalidade contraditória existente nos diferentes campos do saber, no tempo e no espaço, configurando diversas ações e conflitos humanos.

É por isso que a vocação antropológica é interrogar sobre abordagens temáticas, buscando reflexões fundamentadas, sérias e competentes, que podem contribuir com a nova possibilidade de repensar a educação e a prática docente, bem como o estudo de interação do homem com o seu ambiente e também em relação com os seus pares e com seu grupo social. Assim, uma organização dialogal entre cultura e educação na contemporaneidade garante um espírito de liberdade,

autonomia e crítica na constituição de novos paradigmas e de novas adaptações como deuses, mitos, heróis e também nas especialidades educativas, nas metodologias e até mesmo na própria tradição.

Por isso, retornando ao núcleo dessa relação, a interrogação norteadora que se levanta, é esta: será possível perceber um diálogo entre Antropologia e Educação em meio à diversidade antropológica e à multiplicidade do saber? Em primeiro lugar, é preciso focar nos enigmas metodológicos que são responsáveis por garantirem a pesquisa antropológica na área de filosofia como estilo de vida “[...] dedicado à busca do saber, conduzido pela disciplina e esforço constante para pensar profunda e claramente os conflitos da *pólis!*” (BOLLIS, 2013, p. 55, grifo do autor).

Com isso, entende-se que o homem é orientado e definido por normas e leis as quais, muitas vezes, nutrem um processo e uma postura ideológica, deixando o indivíduo sem uma curiosidade pelo sentido, sem visar uma inovação. A antropologia, enquanto tal, é responsável por moldar estritamente uma visão humana (MARTINS; MORAIS, 2005), além de construir um discurso sobre o outro, levantando a seguinte questão: como encontrar pistas para o tipo de homem ideal que o Estado espera? Essa questão merece uma investigação cuidadosa, a fim de que se obtenha uma sincera e satisfatória resposta porque, como se sabe, o homem é uma estrutura complexa, ou seja, está muito longe de poder ser reduzido a um mero objeto ou a uma mera coisa sem valor e que merece um olhar audacioso na tentativa de compreendê-lo.

Nessa linha epistemológica, a educação não deve buscar metodologias prontas e acabadas e sim condições de possibilidade para uma manifestação exemplar do homem, porque toda educação pressupõe um tipo de ser humano. O problema e a busca de um método consistente com uma solução satisfatória é o centro de muitas discussões ao longo da história filosófica e educacional. Para tentar resolvê-lo, foram discutidas várias propostas. No Brasil, por exemplo, ainda permanece um pensamento educacional e um método considerado tradicional de ensinar. Mas ao longo dos séculos, diversas vezes foram indicadas e discutidas modalidades e métodos, por pesquisadores, professores, educadores e pensadores – entre eles o educador, escritor e filósofo pernambucano Paulo Freire.

Freire (1987), na obra **Pedagogia do Oprimido**, destaca o método de conscientização do aluno oprimido, em sua possibilidade de ser totalmente libertado das amarras da opressão, por meio de um intenso relacionamento entre família,

sociedade, aluno e escola. Mas o principal protagonista nesse processo deve ser o professor, na responsabilidade de conscientizar os alunos a respeito da ideologia opressora e colonizadora existente na sociedade. A finalidade da educação, portanto, na ótica freuriana, é ser revolucionária e não mercadológica, ser um meio pelo qual o aluno se torna um questionador frente às relações humanas.

Entretanto, no Brasil, a educação pressupõe uma pessoa polida no sentido de preparar as pessoas para o mundo e para o viver em sociedade, ou seja, conduzi-las para fora de si mesmas, mostrando as diferenças que existem no mundo.

Analisar um país como a Finlândia, considerada a nação com a melhor educação do mundo, pode trazer referências significativas em *design* pedagógico, além de investimento e inspiração para os demais países que buscam melhorias na educação, enquanto processo humanizante. O sistema educacional que rege o país é o sistema nórdico igualitário, com tempo integral para todos os alunos dos 7 aos 16 anos, sem nenhuma taxa de ensino aplicada (FAJARDO, 2013). De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que mede o desenvolvimento e a qualidade de ensino, no ano de 2010, a Finlândia registrou um dos melhores saltos e destaques no *ranking* da avaliação.

O último resultado do PISA, divulgado em meados de dezembro de 2019, que foi compilado a partir ano de 2018, mostra, mais uma vez, a Finlândia entre as principais nações no ranking educacional. A fórmula para esse sucesso, de acordo com a ex-diretora do Ministério da Educação e Cultura da Finlândia, Jaana Palojarvi, não são as metodologias pedagógicas aplicadas e muito menos as revolucionárias que queriam conceder um novo rosto à maneira de ensinar, mas sim a aposta constante do país na valorização do professor e do educador, garantindo sua plena liberdade para trabalhar. Nesse sentido, é importante destacar que toda educação autêntica tem a ver com o método capaz de proporcionar qualidade e autonomia aos indivíduos (FAJARDO, 2013).

O homem, portanto, deve criar estruturas de acordo com a sua abertura crítica espiritual, ou seja, sua ótica pode ser ampla e intersubjetiva, pois “[...] há necessidade epistêmica de incrementar a capacidade do saber e pensar sobre o homem” (MARTINS; MORAIS, 2005, p. 84).

### 2.3 A ANTROPOLOGIA E A PAIDEIA PLATÔNICAS

Discorrer sobre a concepção platônica de educação “[...] pressupõe a pergunta sobre o homem e a sua autocompreensão” (RIBEIRO, 2019, p. 66), ou seja, é necessário, antes de tudo, apontar, definir e entender sua psicologia. Traduzindo em uma linguagem do senso comum: a natureza da alma. Afinal, só é possível estabelecer um processo formativo para o homem quando a base que transcende esse processo está estruturada em uma reflexão autêntica sobre o que é contundente, próprio e primordial na manifestação humana. Somente a partir de uma ótica filosófica e antropológica ampla sobre o homem é que as teorias são estabelecidas e refutadas, isto é, só pode ser estabelecida uma matriz educacional, a partir de uma análise conjectural acerca do homem, suas criatividades, potencialidades, sua essência e função vocacional no mundo. Além dessa definição, é importante entender que Platão estava atento e motivado pelo meio cultural e político de sua época. Nesse sentido, o filósofo dedica-se a reconstruir, com novas bases da *paideia* grega clássica, sua própria concepção antropológica e, posteriormente, educacional (TEIXEIRA, 1999).

Em seu diálogo *Fédon* ou *Da Alma*, redigido em meados de 335-388 a.C., Platão narra a morte do mestre Sócrates e insere a discussão sobre alma ser mortal ou imortal (FAGUNDES, 2015). Com isso, fica em evidência que a ideia sobre a imortalidade da alma já era referência e constituía uma das principais preocupações do filósofo. Além dessa afirmação, é importante ressaltar que o estudo e a investigação em relação à alma fora discutido por inúmeros filósofos, mas somente com Platão o tema ganhou seu apogeu mais significativo.

Contemplando o referido diálogo, é notório, em primeira medida, que em grego, a *psychê*, traduzida precisamente por alma humana, é entendida com uma complexidade enorme. Mondin (1980), por exemplo, considera que Platão elaborou uma antropologia entre as mais complexas e significativas “[...] numa perspectiva cosmocêntrica” (MONDIN, 1980, p. 10). O filósofo, ligado à mitologia e à inovação cosmológica, ou seja, influenciado pela filosofia pré-socrática, principalmente pelos Pitagóricos, além de seguir posteriormente a elaboração socrática sobre o homem, tentou superar a ótica homérica sobre o homem (REALE, 2014), dizendo que existia e acreditava no **homem interior**. Assim:

Sua perspectiva antropológica é determinante na construção de uma educação que tem como objetivo orientar o homem na busca do bem, aperfeiçoando este homem dentro de um modelo ideal (RIBEIRO, 2019, p. 66).

Entretanto, o entendimento antropológico de Platão é construir cada vez mais possibilidades que possam orientar o agir humano. Esse agir humano deve ter sempre como objetivo a busca do Bem e da verdade. Por meio dessa busca incessante da perfeição, aperfeiçoará um modelo ideal de humanidade.

O filósofo elabora que o homem é fundamentalmente sua alma, ou seja, sua essência:

[...] alma espiritual, incorruptível, e portanto certamente imortal; a imortalidade da alma para Platão não constitui verdadeiramente problema: o único verdadeiro problema para ele é libertar a alma da prisão do corpo (MONDIN, 1980, p. 10).

A alma ganha um novo sentido com Platão: passa a ser entendida como consciência humana, inteligência moral, além de receber seu acabamento perfeito com a perspectiva ontológica e metafísica, o motor que permite o movimento do corpo. Com isso, seguindo a religiosidade ou o sentido religioso dos pitagóricos, como já citado anteriormente, dos sacerdotes e das testemunhas daquele tempo, Platão professa que a alma é imortal. Por ser imortal, a alma é considerada o centro de todo conhecimento intelectual e espiritual, pois é dotada de autonomia em relação ao corpo.

Nesse sentido, pode-se afirmar que existe um rompimento entre inteligência e sensibilidade, ou seja, entre o mundo inteligível – considerado o mundo das ideias (**Hiperurânio**) no qual permanece a divindade, a incorruptibilidade, a eternidade e a transcendência – e o mundo sensível (**físico**) – lugar plasmado por Demiurgo, uma espécie de divindade que plasma o mundo sensível por meio da contemplação das ideias. Antes de a alma ser implantada no corpo, vivia no mundo das formas, no mundo do conhecimento puro e completo, ou seja, no mundo das Ideias.

Ao decair no mundo sensível com uma necessidade de conhecimento e progresso, a alma traz consigo, na ótica platônica, três funções diferentes. Partindo de modo particular do corpo, funda-se a primeira função. A primeira funcionalidade está ligada intimamente “[...] à ordem dos impulsos, dos desejos e das necessidades [...]” (TEIXEIRA, 1999, p. 91). De pertença a essa ordem, caracteriza-se a alma



concupiscível, ocupando o lugar do ventre. A partir dessa primeira função, o homem é capaz de desejar. As pulsões e as necessidades fisiológicas como comer, beber e o sexo, além dos desejos, fazem parte dessa função desejante.

A segunda funcionalidade da alma consiste na racionalidade, enquanto principal argumento específico para provar a imortalidade da alma. É aprimorada na cabeça, lugar de elevação e intelecção, pois “[...] constitui a porção divina do homem, pois está, por natureza, em relação ao inteligível: ‘é o olho da alma’” (TEIXEIRA, 1999, p. 91, grifo do autor). Com o destino último da contemplação das ideias, a principal função desta é examinar os defeitos, as qualidades e as imperfeições presentes nos desejos.

A dimensão afetiva passa a ser a terceira função, com sua principal característica: mediadora. Ligada ao coração humano, ela faz mediações entre as outras duas funções apresentadas, no sentido de promover e vincular o equilíbrio. Em outras palavras, no momento de dúvida do homem entre a escolha racional em aceitar o desprendimento da materialidade, ou seja, dos instintos como a corrupção, ganância e a riqueza, rumo ao inteligível e a escolha em permanecer vinculado a esses meios corruptíveis do mundo físico, o coração atua exercendo uma função mediadora para uma decisão ímpeta e consciente em deliberação do amor, do medo e ódio.

Observa-se que o modo reflexivo de Platão em relação ao corpo, com as suas fragilidades, paixões e misérias, além de seus erros e defeitos, constituía um peso, uma negação e uma indiferença para a alma, ou seja, o próprio corpo no entendimento platônico, com essas limitações próprias da matéria, aprisiona a alma e não permite que a mesma ascenda para o mundo inteligível. Daí surge o conceito de **prisão** ou **cárcere** da alma, expresso nos escritos do filósofo italiano Reale (2014). Nesse embate, a dimensão corpórea do homem platônico é dualista, não podendo ser interpretada erroneamente e nem entendida enquanto unidade substancial e sim accidental (MONDIN, 1980).

O mundo sensível pode ser considerado o espaço de expiação, representação esta provisória da relação alma-corpo no momento da vida presente, pois:

Em síntese, consiste no seguinte: o homem está sobre a terra como de passagem e a vida terrena é como uma provação. A verdadeira vida está no além, no Hades (o invisível). E no Hades a alma é “julgada” segundo

unicamente o critério da justiça e da injustiça, da temperança e da devassidão, da virtude e do vício (REALE, 2014, p. 191, grifo do autor).

Além dessa representação, portanto, o mundo sensível é considerado contrário ao mundo inteligível, por causa de sua corruptibilidade e do caos. Entendendo que o mundo sensível pode ser considerado meio de expiação da alma – porque ela não pertence à materialidade –, Platão elabora a teoria da reminiscência que, basicamente, pode ser entendida como processo de recordação da alma. Nessa teoria, o filósofo evidencia a imortalidade da alma. Antes, a alma vivia no Mundo das Ideias, contemplando as Ideias de Beleza, Justiça e Bondade. Agora, porém, vive presa ao corpo, em contato com objetos do Mundo Sensível, que são cópias das Ideias. Dessa forma, recorda-se das formas ideais e, assim, o conhecimento acontece de forma autêntica.

O conhecimento sensitivo tem uma única e objetiva função: despertar no homem a recordação das Ideias. Conhecer, portanto, na ótica platônica, é recordar (MONDIN, 1980). Como explicar a aptidão por parte dos seres humanos, nos primeiros anos de vida, para as artes musicais, corporais, e para as artes do belo em geral? Para algumas pessoas, um direcionamento simples em relação às artes é o ideal para que em pouco tempo se tornem verdadeiros aprendizes, colocando em prática os ensinamentos científicos e filosóficos nos assuntos diversos do dia-a-dia, muitos deles de uma complexidade enorme.

Nesse sentido, a educação, enquanto abertura relacional para o homem tornar-se sempre mais e melhor, junto com a “[...] boa criação produzem boas índoles” (PLATÃO, 2016, p. 149), são a preocupação central da Filosofia platônica. Em sua cardinal obra, **A República** (2016), existe uma preocupação por parte do filósofo em trabalhar a interioridade do sujeito, ou seja, suas virtudes e valores, extirpando tudo que fosse causa da corrupção e de infelicidade, por exemplo. Essa preocupação foca especialmente na *polis* ideal, ou seja, Platão acreditava em uma cidade autônoma, completa e próspera com leis justas e valores éticos, que fosse desenvolvida e garantisse a unificação do povo grego, além de uma educação com perspectivas harmônicas, garantindo a máxima felicidade à *polis* e ao cidadão, porque a cidade-estado idealizada é condição de possibilidade e de critério para pensar e formar o cidadão.

Uma cidade-estado perfeita, bela e boa exige definitivamente cidadãos perfeitos, belos e bons, ou seja, cultos e de boa aparência. Nessa condição, é necessário um sistema educacional integral e original, no qual nenhuma característica importante e primordial para a formação daqueles que fazem parte da *polis* seja omitido. Tal sistema ou projeto deve ser objeto de investigação detalhada, e deve, portanto, ser levado adiante, mesmo perante os desafios, a negação e o medo. É a necessidade dessas qualidades que reforça a reflexão platônica sobre um sistema arquitetado de maneira detalhada. Afinal, que educação é esperada pela *polis*?

Analisando a tendência do homem em escolher paulatinamente os bens materiais, Platão viu a necessidade de um processo capaz de despertar o princípio existente na condição mais importante e superior no homem: a alma. Nesse sentido, compreende-se que o objetivo da educação é provocar esse princípio que está **adormecido** na alma desde sua criação. Educar, em uma linguagem platônica, é investir corretamente na alma, isto é, na interiorização do sujeito. Esse investimento na alma pode ser caracterizado e entendido, enquanto nutrição, ou seja, “[...] educar é nutrir a alma, nutrir aqui significa ‘dotá-la da força necessária’, alimentá-la com o alimento certo que só a educação correta e adequada pode fornecer” (VIÉGAS, 2014, p. 72), no direcionamento ao Bom, correto e verdadeiro.

O surgimento da nova *polis* deverá fundamentar-se na força espiritual que procede do conhecimento. Uma cidade com os princípios éticos e com as mesmas convicções platônicas, enquanto caminho para a *eudaimonia*, depende do verdadeiro conhecimento. Nesse sentido, o conhecimento humano deve seguir na direção filosófica proposta por Platão, trabalhando a educação, para que a mesma possa tornar capaz de nutrir e iluminar a alma.

Por nutrição da alma em consonância com o corpo, o caminho ou a resposta iluminadora é lançada em **A República**, visto que “[...] a ginástica para o corpo e a música para a alma” (PLATÃO, 2016, p. 79). A ginástica é um meio benéfico sugerido ao corpo para o desenvolvimento da robustez corajosa para a guerra. Já por música, diferentemente do que se entende hoje, era um conjunto de forças dentro do cultivo intelectual, juntamente com a dança, que proporcionava beleza e nobreza aos jovens. Dentro do cultivo intelectual, leitura e escrita eram dois princípios primordiais nobres na educação literária. Nesse contexto, é errado entender ou classificar que as duas modalidades propostas por Platão são

independentes. Existe, portanto, uma união entre elas em atenção à alma. Nota-se que a função de cada uma delas é ajudar o educando a crescer fisicamente e intelectualmente e a conservar os princípios de todos os princípios: os valores.

### 3 O SUPERFICIALISMO NA EDUCAÇÃO

A análise do pensamento greco-platônico realizada na seção anterior culmina na crítica socrático-platônica ao sistema pedagógico vigente na antiga Grécia. Nesta seção, portanto, será feita uma apresentação mais minuciosa do problema do superficialismo apontado por Platão naquele período histórico da Grécia antiga. Essa explanação conceituará também uma reflexão, abordando o motivo pelo qual a educação superficial se torna um problema, além da respectiva crítica ao superficialismo sofista.

#### 3.1 O CONCEITO DE SUPERFICIALISMO

Em sua acepção mais geral, o conceito de **superficialismo**<sup>2</sup> significa pouco aprofundamento em uma determinada circunstância; também significa falta de seriedade, distância do autêntico sentido real da educação. Em outros termos, isso significa assumir uma posição superficial, longe da conservação e da transmissão de toda força física e espiritual, ou seja, de todos os valores e de todas as virtudes, construídos pelos cidadãos na *polis* para a formação recíproca de um elevado tipo de homem na geração atual e nas futuras gerações (JAEGER, 2013).

Ainda nessa perspectiva, é considerável destacar que a educação, além de ser conservação e transmissão de valores, é ação transformadora do homem que visa o aprimoramento do interior dessa categoria complexa, enquanto sujeito ético e virtuoso. Por meio dessa humanização na interioridade dos sujeitos, é também característica do processo formativo colaborar para que os homens tenham condições de enxergar as lacunas e as consequências dos métodos superficiais por eles assumidos ao longo do tempo.

Sem dúvida alguma, essa colaboração será um auxílio no amadurecimento do próprio indivíduo para que ele possa assumir com compromisso e criatividade, dentro de todos os espaços formativos existentes, a responsabilidade de refletir mais sobre o desenvolvimento da própria humanidade e da organização dos respectivos espaços. Segundo o estudioso da cultura grega, “[...] a verdadeira essência da

---

<sup>2</sup> Superficialismo é tudo aquilo que tem a qualidade de ser superficial, ou seja, “[...] relativo a superfície [...], pouco profundo, que fica na superfície [...], que não aprofunda os assuntos; que observa ligeiramente, por alto, sem meditar [...], pouco vasto ou profundo; que não é sólido [...]” (HOUAIS; SALLES, 2001, p. 2640).

educação é dar ao Homem condições para alcançar o fim autêntico da sua vida” (JAEGER, 2013, p. 572). Se isso não for ao menos pretendido, todo processo educacional se esvazia ou, de outro modo, os indivíduos educandos serão tratados como instrumentos para o mero funcionamento social ou econômico.

Dessa forma, o conjunto de feitos humanos na comunidade, sem uma reflexão legítima e consistente, corre o enorme risco de apropriar-se de convicções, crenças, características ou práticas superficiais, visando interesses ou puramente individuais ou puramente coletivos – estes últimos relativos a poucos grupos específicos. Nesse sentido, o ser humano se distancia do autêntico sentido da educação, que é preparar indivíduos capacitados para pensarem e elaborarem, de maneira correta, leis justas para o bem comum.

Entretanto, é plausível que toda comunidade humana possua leis e normas e é compreensível que interroge acerca de sua origem e natureza (CORDÓN; MARTÍNEZ, 2016). Olhando cuidadosamente a História da Filosofia enquanto reflexo das necessidades humanas, tanto no âmbito psicológico quanto no âmbito de mudanças significativas – e talvez necessárias para resolver conflitos culturais e educacionais, por exemplo –, nem sempre a própria comunidade se apropriou da dúvida sobre um determinado sistema, sendo que muitos deles provocaram calamidades, crises, desconfianças e incertezas na comunidade científica, por falta de um aprofundamento filosófico ou por terem assumido uma atitude relativista na História da Filosofia.

Nesse sentido, tal atitude relativista como primeiro resultado desse processo de incertezas superficiais floresceu com o pensamento sofístico, ao afirmar que não existem verdades absolutas, mas, apenas, convencionais. Nessa perspectiva, portanto, é válido sustentar que a tese sofística defendia definitivamente que nenhuma categoria era permanente, ou seja:

as essências das coisas são mutáveis e contingentes. O mesmo acontece com as normas morais, que variam conforme cada sociedade e, por, isso, são relativas. No que se refere às leis, elas não passam de convenções criadas pelos homens, para que esses possam ter uma razoável vida social (TEIXEIRA, 1999, p. 19).

O caráter convencional defendido nesse movimento não estava presente apenas nas instituições políticas (CORDÓN; MARTÍNEZ, 2016), mas fazia parte da construção humana em relação às normas morais enquanto norteamento dos meios

relacionais e sociais humanos. Em outras palavras, afirma-se que as normas presentes na comunidade, na ótica do movimento sofístico, eram reflexos ou projeções da necessidade humana, contrariando veementemente a Filosofia dos pensadores cosmologistas, os mestres jônicos – expressão utilizada em referência aos filósofos que nasceram ou se situavam na colônia grega da Jônia, entre os séculos VII e V a.C., dentre os quais se destaca Tales de Mileto<sup>3</sup>.

Por esse ângulo, esses mestres e primeiros filósofos deram sentido filosófico expressivo ao problema da existência absoluta e da causa suprema de todas as coisas (MONDIN, 1981). Em um primeiro momento, pode-se entender que toda a problemática de ordem cosmológica desses pensadores gira em torno da observação dos astros e de elementos da natureza (*physis*) como a água, a terra, o ar e o fogo, enquanto elaboração filosófica, na tentativa de explicar o mundo a partir de uma **causa primeira**. Em outros termos, o universo, na ótica deles, era resultado de um único princípio absoluto, isto é, da *arché*, do qual se originam todas as coisas existentes no universo. Partindo dessa premissa, é de extrema importância justificar que é negada qualquer condição de possibilidade de entender a existência do universo a partir de uma estância superior que o teria criado do nada, no sentido meramente religioso.

Nessa perspectiva, esses pensadores da linha cosmológica não buscaram um elemento sobrenatural para explicar o universo, pois afirmavam não existir a “[...]criação do mundo, isto é, negavam que o mundo tenha surgido do nada (como é o caso, por exemplo, da religião judaico-cristã, na qual Deus cria o mundo do nada)” (CHAUÍ, 2000, p. 40).

O movimento sofístico, entretanto, julga inútil a Filosofia elaborada pelos cosmologistas, pois, na ótica sofística, os métodos de pesquisa e de produções filosóficas desses pensadores “[...] estavam repletos de erros e contradições e que não tinham utilidade para a vida da *polis*” (CHAUÍ, 2000, p. 43, grifo do autor). Essa postura fez florescer uma atitude relativista, como apresentada no início deste item, além de uma aceção cética perante o pensamento filosófico ligado à natureza, acreditando que investigar o princípio primeiro das coisas sem antes aprofundar, conhecer e estudar o homem era um quadro quase ou nada frutuoso. Afinal, a

---

<sup>3</sup> Nascido na segunda metade do século VII a.C., por volta de 624 a.C., em Mileto. Desenvolveu a sua especulação filosófica na primeira metade do século posterior. Astrônomo, engenheiro e matemático, Tales foi o primeiro filósofo a realizar uma investigação a respeito do princípio ou *arché* do real, a partir da filosofia grega (CORDÓN; MARTÍNEZ, 2016).

preocupação do pensamento impregnado nessa época nutria aptidão em elaborar algo consistente sobre as questões humanas direcionadas para o social e político<sup>4</sup>. O antropocentrismo embasava e permeava o pensamento sofístico. O objeto de investigação deixa de ser o cosmos e passa a ser o próprio homem, em sua singularidade.

Assim, os interesses dos filósofos naturalistas passam a ocupar o segundo plano do conhecimento. A empreitada assumida pelos pensadores nessa época – que era pensar sobre a origem racional do universo e não sobre o social, ou o homem em sua profundidade, na sua dimensão educativa, moral, religiosa, cultural e principalmente política – perde espaço com o surgimento do movimento sofístico. A partir desse momento, o homem passa a ser entendido como um ser de relação na comunidade onde está inserido.

Contextualmente, o movimento sofístico surge na segunda metade do século V a.C., em meio ao desenvolvimento do comércio, à progressão das navegações marítimas e à consolidação de diversas cidades-estados na Grécia, especialmente de Atenas, além da consolidação de razões de ordem filosófica e política. Em primeiro lugar, o desenvolvimento rápido nas dimensões cultural, econômica, social e política de Atenas, pelas quais ela se tornara o principal centro comercial e político da Grécia, como fora explanado anteriormente, trouxe um exaustivo progresso na vida do cidadão ateniense.

Contudo, além desse magnífico progresso, aconteceram diversas crises no meio político, exigindo lideranças entre os cidadãos para ocuparem os principais cargos públicos à época, como muito bem destaca o estudioso da Filosofia platônica, em seu livro **A educação do homem segundo Platão**:

O movimento dos sofistas se fortalece graças ao momento histórico vivido pela civilização grega: a falta de liderança, o conflito de opiniões somadas às constantes crises políticas. Aumentou nos cidadãos, especialmente nos mais ávidos de poder, a necessidade de aprender a arte de argumentar em público, para que pudessem fazer prevalecer seus interesses individuais e de classe (TEIXEIRA, 1999, p. 19).

---

<sup>4</sup>A frase: **a preocupação do pensamento impregnado nessa época nutria aptidão em elaborar algo consistente sobre as questões humanas direcionadas para o social e político** esclarece que os sofistas, em geral, não têm preocupação direta com nenhuma fundamentação. Apenas pretendem construir carreiras, visando interesses e poder.



É importante ressaltar que o século V a.C. fora marcado por diferentes movimentos que reivindicavam melhorias em diversos setores, especialmente quanto à amplitude intelectual, ligada a todas as funções públicas que demandavam tal condição para serem exercidas.

Com o surgimento da democracia, deixando para trás a velha prática aristocrática no ensino da *areté*, que se preocupava em educar uma juventude guerreira, o novo modelo de *polis* exigia a dedicação, o cuidado com a coisa pública, por meio da adequada administração. Cabe destacar que o bem comum passou a ser discutido e pensado por todos os cidadãos nas assembleias públicas, diferentemente de antes, quando era discutido somente por pessoas livres, deixando de fora os escravos e as mulheres, por exemplo (CHAUÍ, 2000). Nas assembleias, eram tratados diversos assuntos sérios, tais como: decisões visando a paz, a prosperidade, a reconciliação dos povos, questões sobre o direito e deveres de cada cidadão, das formas de governo, além da religião (MONDIN, 1981).

A aplicação de um novo entendimento político pautado na democracia exigia constantemente mudanças e novas adaptações na organização, em nível de sociedade. Desse modo, também o novo sistema educacional vigente não se satisfazia em continuar nutrindo as características e os padrões antigos propostos pela tradição, com base na música e na ginástica (MEIRELLES; PAUL, 2018). Tais padrões eram considerados insuficientes na continuidade do processo educacional do cidadão ou do jovem, mais especificamente, para a vida pública ateniense.

Influenciados por esse contexto, os sofistas aparecem como alternativa para ajudar a cidade de Atenas a realizar um projeto totalmente voltado para a ordem social, em uma perspectiva de dominação política, pois “[...] por estar na linguagem (*lógos*), o homem é compelido a viver não ao lado, mas junto aos outros, na *ordem social*” (BUZZI, 2012, p. 151, grifo do autor). Os sofistas eram professores itinerantes remunerados, especialistas na arte da retórica, naturais de várias cidades que, embasados pela pedagogia, ofertavam respostas sob demanda ante as necessidades do novo período do povo ateniense. Não perdurara aquela preocupação a respeito da investigação filosófica acerca do cosmos, mas passou-se a investir em ensinar tecnicamente aos jovens a maneira mais prática e simples de persuadir outros jovens, crianças, adolescentes e idosos sobre suas crenças e interesses, conforme a estudiosa em Platão afirma:

Esses professores itinerantes foram os primeiros conferencistas e faziam exposições públicas em festas nos santuários e jogos olímpicos, ocasiões que reuniam grande público de várias *póleis*, improvisando brilhantes discussões ao gosto dos ouvintes e ensinando a vencer qualquer debate, por meio de um método de discussão que visava confundir o adversário, para conquistar a clientela que viria a pagar altos preços por suas lições técnicas (BOLLIS, 2013, p.45, grifo do autor).

Desde o seu tempo remoto, existia uma indiferença, um preconceito, uma ignorância por parte do sistema educacional permeado pelos sofistas em oferecer educação para todos os cidadãos, porque a intencionalidade deles era manter os membros da nobreza como único grupo social digno de tal prestígio. Eles entendiam a educação como algo nobre e sagrado que se aplicava apenas àqueles que queriam seguir carreira política, ou seja, a finalidade da educação entendida por esse grupo não era formar ou educar o povo em geral mas sim seus governantes e líderes. Estes últimos eram os responsáveis por criar leis e fazer o direito daquela época ser estabelecido na vida da *polis*.

Naquele contexto histórico, a juventude fora marcada diretamente pelos sofistas e tivera enorme apreço pelos seus ensinamentos e por suas ideias, justificadamente válidos na perspectiva reinante, pela colaboração eficaz do seu modo de ensinar pragmático, fundado nos costumes e nas intencionalidades da nobreza propriamente dita e não no saber verdadeiro.

O modo de vida ateniense em relação ao trato dos costumes – que tradicionalmente honravam e homenageavam os soldados combatentes nas guerras em defesa da pátria, bem como seus valores, por meio de discursos – fora primordial para que os sofistas vislumbrassem um lugar estratégico e entrassem em cena, proferindo longos discursos de cunho ideológico. Esse caráter ideológico se manifestava na tentativa de imposição de suas teorias na política e nos debates legítimos dos poderes públicos, “[...] persuadindo de modo a obter vitória das suas ideias nas votações e na esfera jurídica, advogar sobre processos de ordem moral, política e financeira, como nas prestações de contas” (BOLLIS, 2013, p. 45).

O poder, como antes mencionado, era o principal objetivo dos sofistas e, para alcançá-lo, colocavam em xeque a validação duradoura das coisas, ou seja, o valor de cada categoria poderia variar ao sabor das circunstâncias. Essa diversidade valorizada pelos sofistas em não acreditar na duração eterna das categorias, além de não ter fundamentos, era um meio propício para aprimorarem os recursos voltados para seus próprios interesses. Enquanto isso, os filósofos nascidos da

admiração, ou seja, aqueles ligados ao despertar no sentido crítico do filosofar, caracterizavam a verdade como absoluta, essencial, una e imutável, levando a um questionamento: a essência da educação pode mudar? Na Filosofia sofista sim, porque estabelece em seu sistema de ensino o superficialismo quanto à verdade, cujo cume pode ser bem expresso pelas palavras de Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão: “[...] mas tudo veio a ser; não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas” (NIETZSCHE, 2000, p. 10).

Tal superficialismo pertence à esfera da *doxa*, ou seja, da mera opinião, sem se preocupar com a verdade dos fatos, bem como das conquistas culturais e das leis que regem a comunidade na negação da democracia, sistema político que é o principal propiciador do estabelecimento da igualdade entre os cidadãos.

### 3.2 A EDUCAÇÃO SUPERFICIAL COMO PROBLEMA

Ao longo da história, várias foram as tentativas pedagógicas instituídas pelos especialistas da educação em conjunto com sociólogos, filósofos e cientistas, para pensar a formação humana e o progresso do homem no mundo, como fora relatado na primeira seção deste trabalho.

Com a Revolução Científica do século XVII, por exemplo, o mundo alcançou inúmeros progressos científicos, com diversas pesquisas em diversas áreas do conhecimento e, nessa perspectiva, o mundo passou a ser visto pela ciência como construção própria. Assim, todas as coisas existentes na sociedade passaram a ser vistas como resultado do progresso científico, e não como ação de uma divindade no sentido religioso, como os gregos antigos acreditavam (BUZZI, 2012).

Com o passar do tempo, percebe-se que o conhecimento humano, cada vez mais especializado e fragmentado, como científico, teológico, empírico ou filosófico, por exemplo, ampliou-se, trazendo junto a esse processo o olhar técnico sobre as coisas. A humanidade do terceiro milênio vem assistindo de perto à dissolução paulatina dos valores tradicionais das estruturas socioculturais erigidas no mundo dos gregos antigos, especialmente na Filosofia de Platão. Nesse sentido, é importante lembrar que o pensamento da Grécia antiga estava orientado pela visão ontológica do ideal de integração do homem com a realidade. A educação grega fundamenta-se, em outros termos, tanto em uma teleologia voltada para a

compleição de um projeto sociocultural para o indivíduo e a coletividade, quanto em um conhecimento analógico expresso pelo mito. Ambos em vias de declínio.

Nesse contexto, as conquistas epistemológicas tornaram-se reducionistas, trazendo e provocando inúmeros problemas, dentre eles, a **fragmentação do saber**. As crenças, os sentimentos religiosos, a sabedoria e a afetividade foram relegados a um lugar indigno de atenção ou de uma interpretação mais pobre. A concepção científica assumida não dava conta de abordar apropriadamente esses temas, entendidos como de natureza subjetiva. O limite mais direto dessa posição se mostra no fato de a ciência não conseguir abarcar o mundo em sua totalidade. Em outras palavras, pode-se afirmar que a ciência é limitada na sua tentativa de explicar a existência do mundo e de todas as coisas. Essa condição em si não representa o maior dos problemas, e sim a tendência reducionista antes mencionada (REALE, 1999).

Entretanto, ao refletir constantemente sobre o autêntico sentido do conhecimento humano, nota-se uma exigência universal, integral e urgente do mesmo em relação ao verdadeiro sentido de sua atuação. Com isso, sem dúvida alguma, é necessário refletir sobre o conhecimento educacional, do qual o homem faz parte, neste terceiro milênio.

Assim, devido à confluência de múltiplos fatores históricos e sociais, gerais e específicos de cada nação, a atualidade coleciona sérios problemas na área da educação. Muitos desses problemas se referem a uma visão mais pragmática da vida que se expressa, conseqüentemente, também nessa área. Um exemplo seria o estudar com a finalidade de se obter um diploma e, assim, melhorar o *status* social, adquirindo prestígio na vida acadêmica ou ampliando as chances de uma promoção no trabalho e um acréscimo no contracheque. Isso sem se levar em conta a finalidade primeira e esperada da educação: a formação humana voltada para maior integração pessoal e social (TEIXEIRA, 1999). Tais problemas mostram a urgente necessidade de reflexões para saber se os temas educacionais, bem como os métodos aplicados, estão sendo abordados apropriadamente e não de maneira superficial, isto é, sem ter um sentido mais profundo e sem provocar reflexões igualmente mais profundas. Trata-se da necessidade, portanto, de um diálogo que deve permear todas as instituições implicadas nesse processo de construção educacional. É um processo que toca no campo da vida ética e que se orienta para uma verdadeira redescoberta do valor da educação.

Nesse sentido, a formação do professor, bem como o seu papel na sala de aula e na sociedade, é também fator importantíssimo que não deve ser esquecido nessa redescoberta, cujo centro é o empenho em prol da permanência da essencialidade da educação. Afinal, os indivíduos não deveriam ser mais comprometidos e fazer com que a sociedade se tornasse mais envolvida e atuante na preparação autêntica e sincera dos cidadãos?

Porém, antes de abrir caminhos e levantar hipóteses para essa reflexão, deve-se perguntar: estará o homem caminhando para sua própria autodestruição, ainda que isso signifique um mergulho de cunho niilista em um sentido existencial cada vez mais marcado pela superficialidade? É nessa perspectiva que o historiador, em sua obra **O Saber dos antigos: terapia para os tempos atuais**, exorta: “Hoje se fala de ‘morte do homem’, e isso significa morte do antigo sentido metafísico, mais que religioso, do homem” (REALE, 1999, p. 160, grifo do autor). Por esse ângulo, pode-se dizer com total confiança que o homem morreu? Ou melhor, a partir de qual concepção é legítimo falar que o homem do contexto atual está morto?

Partindo dessa relevante e ainda atual afirmação de Reale (1999) e tentando antecipar a resposta para as duas interrogações desafiadoras precedentes, pode-se afirmar que o ser humano atual está morto. Não simplesmente por conta da perda da dimensão metafísica e analógica do conhecimento em favor de um crescente mecanicismo da vida. Mas devido à superficialidade mesma incutida já no olhar muitas vezes pragmático do indivíduo contemporâneo, lançado inclusive sobre sua própria educação. Esta se desdobra com características superficiais, marcando a falta de um fundamento bem determinado para si; a falta de um ideal e de um sentido mais consistente e maduro que relacione forte e convincentemente o processo educativo com a própria existência humana. Afinal:

O homem moderno crê experimentalmente ora neste, ora naquele valor, para depois abandoná-lo; o círculo de valores superados e abandonados está sempre se ampliando; cada vez mais é possível perceber o vazio e a pobreza de valores, o movimento é irrefreável [...]. A história que estou relatando é a dos dois próximos séculos (NIETZSCHE, apud REALE, 1999, p. 7).

Portanto, o homem está inserido em um mundo cada vez mais pragmático e reduzido a categorias de ações práticas, rápidas e sem muitas reflexões vigentes,

com uma dimensão filosófica e existencial próxima daquela vivenciada na Grécia antiga.

Contrapondo essa visão tecnicista da formação humana do terceiro milênio, preocupada, em grande parte, apenas com uma linguagem instrumental, econômica e produtiva, o pensamento platônico se apresenta enquanto aprimoramento e possibilidade de um processo educativo mais pleno e não técnico do cidadão, como afirma o próprio filósofo:

Falo da educação das crianças na virtude, que desperta na criança o desejo e o amor de se tornar um cidadão perfeito e saber comandar com justiça e obedecer à justiça. Somente esta é a educação, enquanto a outra, que visa ao dinheiro ou à força física, ou a qualquer outra habilidade sem intelecto e justiça, é coisa vulgar e servil e absolutamente indigna de ser chamada de educação (PLATÃO, 2010, p.92).

Nessa perspectiva, fica claro que a educação tem que reestabelecer a sua originalidade, preocupada em resgatar o seu papel e missão no mundo, sendo abertura para a integração do indivíduo em formação, a partir de sua capacidade intelectual.

Apesar de tratando-se tratar da educação segundo a concepção grega, o termo educação, propriamente dito, tem suas raízes na língua latina: *educare*. Essa tradução se estende da palavra *paidagogia*, do grego. É bem relevante, para os fins deste trabalho, notar que essa palavra grega pode ser interpretada enquanto educação integral, incluindo e harmonizando as dimensões física, moral, espiritual e intelectual do ser humano.

Dessa forma, ainda que seguindo uma orientação antiga, a educação será capaz de cumprir autenticamente o seu papel, escapando das armadilhas do superficialismo e sendo capaz de conduzir os educandos ou cidadãos a um nível de conhecimento mais consistente da realidade e com pertinência de sentido para todos os envolvidos nesse exigente processo individual e social.

### 3.3 PLATÃO E A CRÍTICA SOCRÁTICA AO SUPERFICIALISMO SOFISTA

Platão, considerado um dos célebres pensadores e críticos da Antiguidade clássica, nasceu na cidade-estado de Atenas no ano de 427 a.C., apenas um ano depois da morte do estadista grego Péricles. Muitos estudiosos e intérpretes de sua

vasta obra, entre eles o filósofo e professor italiano Reale (2014), afirmam que “[...] o seu verdadeiro nome era Arístocles (nome de seu avô), e Platão era um apelido” (REALE, 2014, p. 7).

Devido à época de seu nascimento em Atenas, Platão vivenciou todo período de tensão da Grécia, nos séculos V e IV a.C.. Esse período, considerado clássico pela própria tradição filosófica ocidental, fora marcado por diversas mudanças na forma de convivência entre os cidadãos e principalmente no pensamento político-filosófico.

Nesse sentido, Platão vivera em uma Atenas marcadamente dividida em dois momentos (LAZARINI, 2007). O primeiro coincide com a época de seu nascimento, período em que Péricles governava Atenas, no qual a cidade conseguiu atingir o grau máximo de configuração democrática e até mesmo o cume da própria democracia. O segundo momento coincide com a época de seu falecimento, em 347 a.C., com a derrota de Atenas na guerra do Peloponeso<sup>5</sup>, ocasionando o esgotamento da construção ateniense: “assim, a vida de Platão coincide, em grande parte, com a decadência do império ateniense” (LAZARINI, 2007, p. 19).

Além desses elementos importantes, considera-se que Platão, alimentado pelo tradicionalismo familiar aristocrata e, assim, inclinado a se envolver nas coisas públicas, enxerga na vida da *polis*, desde a sua juventude, o mais significativo valor político, que seria o principal meio para proporcionar melhorias na amplitude social e educativa dos cidadãos.

Como discípulo de Sócrates (470-399 a.C.), Platão frequentava o círculo socrático com o mesmo ideal da maioria dos jovens daquela época. Muitos começaram a acompanhar Sócrates com a pretensão de aprenderem algum método persuasivo para aplicarem na política. A juventude utilizava o conhecimento filosófico não como uma orientação para a vida, mas preparando-se por meio dele para as disputas políticas e o labor administrativo da coisa pública.

O mestre Sócrates, porém, diferenciava-se justamente por buscar a verdade e a prática das virtudes. Importa destacar que esse mesmo diferencial é que fez com que o encontro com o mestre Sócrates se tornasse um dos momentos mais

---

<sup>5</sup> “A guerra do Peloponeso foi uma guerra entre cidades gregas. A mais longa e penosa de toda a história da Grécia, que durou por mais de meio século. Sua origem está na dominação que Atenas exerce sobre as demais cidades, fazendo com que essas últimas se revoltem e reivindiquem a emancipação. Disso vai resultar a guerra, que possui como protagonistas das duas maiores cidades: Atenas e Esparta” (TEIXEIRA, 1999, p. 20).

importantes da vida de Platão. À época, este tinha apenas vinte anos, mas que expressaria essa significativa influência em todas as suas obras e por toda sua vida.

Dentre tantas reflexões presentes na pauta socrática, há uma que permeou praticamente todas as discussões do filósofo. Tal reflexão pode ser considerada a principal tese de Sócrates: a necessidade de uma mudança radical no sistema educacional vigente. Naquele caso, o principal objetivo era a reinvenção ética e antropológica da *polis*, envolvendo profundamente o espírito de mudança em todas as suas dimensões e categorias, como a cultura, por exemplo.

Sócrates indagava seus concidadãos na *Ágora*, ou seja, na praça pública, sobre tudo o que afirmavam e acreditavam saber (LAZARINI, 2007). O método aplicado pelo mestre de Platão nesse processo denominava-se maiêutica. Por meio do diálogo estrategicamente orientado, Sócrates suscitava dúvidas em seus interlocutores, aproveitando os discursos e as afirmações por eles proferidos. Estes, muitas vezes, eram marcados pelo vazio intelectual, pela imprecisão conceitual e mesmo pela certeza naquilo que proferiam.

A intenção socrática intrínseca a esse processo era levar a pessoa a reconhecer a própria ignorância e a do ser humano em geral. Era comum que muitos dos interlocutores de Sócrates se entendessem como possuidores do conhecimento absoluto, fechando-se em suas próprias verdades, ou assumissem uma postura relativista, a exemplo dos sofistas. Não era do interesse de Sócrates, como o era dos sofistas, cobrar pelas aulas, mas contribuir de forma exemplar e gratuita para o processo educativo da juventude. Ele assim prosseguiu durante todo o tempo de sua vida, tentando esculpir novos cidadãos para sua *polis*, sem lançar mão da escrita, pois entendia que “o seu órgão era a palavra [proferida]. Por si mesmo, nunca plasmou por escrito essa palavra oral” (JAEGER, 2013, p. 499, grifo nosso).

Nesse sentido, pode-se afirmar que, para Sócrates, o conhecimento antropológico, isto é, o autoconhecimento, é o primeiro passo para o homem conhecer realmente a si mesmo, com suas potencialidades e fragilidades. Inspirado pelo aforismo **Conhece a ti mesmo**, grafado na porta do Templo de Apolo, em Delfos, Sócrates acreditava que o autoconhecimento era o único itinerário para a humanidade alcançar o verdadeiro conhecimento. “Para ele, antes de querer qualquer coisa e antes de querer persuadir os outros, cada um deveria, antes de tudo, conhecer-se a si mesmo” (LAZARINI, 2007, p. 20).



Nesse sentido, o velho mestre grego foi considerado por muitos políticos daquela época, principalmente pelos democratas, como alguém que queria desvirtuar e corromper os ideais até então construídos, influenciando, sobretudo, a juventude. Essa foi a alegação pública decisiva que justificou oficialmente a condenação e a morte de Sócrates.

Entretanto, a injustiça cometida contra ele, com o apoio constante e explícito do próprio sistema democrático ateniense, resultou no desinteresse de Platão pela política em um primeiro momento e foi incentivo para que permanecesse algum tempo fora das circunscrições gregas.

É sabido, portanto, que Platão, juntamente com outros discípulos de Sócrates, estivera por algum tempo longe da Grécia, viajando para vários países e lugares como o Egito (390 a.C.) e Siracusa (388 a.C.). Tratava-se de um processo de fuga, temendo uma possível perseguição por terem participado dos círculos socráticos (REALE, 2014). A partir dessa situação, pode-se presumir que Platão teve uma oportunidade especial de adquirir conhecimentos e experiências, abrindo-lhe horizontes para o que mais tarde realizaria em Atenas.

Ao regressar a Atenas, em 387 a.C., Platão, ainda mais fortalecido com os ideias socráticos e mais maduro em suas decisões, funda o seu próprio espaço destinado ao conhecimento, a Academia<sup>6</sup>. A missão desse lugar era lutar intelectualmente contra a decadência e a insegurança causadas pela Filosofia dos sofistas. A essencialidade dessa fundação era desenvolver a educação grega de modo que alcançasse o apelo socrático, que ainda ressoava naquela região: a construção urgente de valores e virtudes universais. Construção esta fundamentada no uso adequado da razão para estabelecer um projeto educacional voltado para o sentido da verdade. Assim, “[...] todo o sistema educativo platônico está edificado sobre o alicerce da verdade e sobre a possibilidade da conquista da verdade através da ciência racional” (TEIXEIRA, 1999, p. 23).

Platão parecia estar atento e preocupado com o contexto histórico de Atenas. Essa preocupação o levou a acreditar definitivamente que a educação seria o único caminho para a instituição dos valores. Tais valores seriam primordiais para

---

<sup>6</sup> “Propriamente a escola fundada por Platão no ginásio que tomava o nome do herói Academos e que depois da morte de Platão foi dirigida por Espeusipo (347-339 a.C.), por Xenócrates (339-14 a.C.), por Polemon (314-270 a.C.) e por Cratete (270-68 a.C.). Nessa fase, a Academia continuou a especulação platônica, vinculando-a sempre mais estreitamente ao pitagorismo; pertenceram a ela matemáticos e astrônomos, entre os quais o mais famoso foi Eudoxo de Cnido” (ABBAGNANO, 2007, p. 18).

consolidar a organização civil, social, militar e política, que algumas consequências estarrecedoras do vigente momento exigiram fortemente. A atuação platônica na tentativa de uma reforma fundamental para a Grécia contribuiu para a prática pedagógica, dando-lhe suporte, sobretudo, no método e na teoria elaborados posteriormente por ele no escopo educativo.

Discípulo fiel do “[...] homem que a justiça terrena matara para apagar da memória do povo ateniense” (JAEGER, 2013, p. 498) e investigador autêntico dos seus fundamentos, Platão inseriu com frequência a figura de Sócrates como o principal interlocutor em grande parte de seus diálogos. Nessa posição, Sócrates representava a origem e a principal referência filosófica de toda construção do sistema platônico e “[...] desse modo jamais se extinguiria nos ouvidos dos homens a sua voz exortativa, nem no presente nem no futuro” (JAEGER, 2013, p. 498). Nesse sentido, vale destacar que esse protagonismo socrático nos escritos platônicos dificulta estabelecer uma diferença entre aquilo que é originário de Sócrates daquilo que pertence ao próprio Platão ou a ambos (LAZARINI, 2007).

Entretanto, o princípio primordial traçado por Platão, fio condutor presente em suas obras, foi o de conduzir com seriedade a alma para uma vida ética, justa e orientada para a plenitude da harmonia com o Sumo Bem. Portanto, é possível ler que:

Foi o apelo de Sócrates ao “cuidado da alma” que realmente levou o espírito grego a romper caminho em direção à nova forma de vida. Se o conceito da vida, do *bíos* (que designa a existência humana, não como um simples processo temporal, mas como uma unidade plástica cheia de sentido, como uma forma consciente de vida) ocupa doravante uma posição de tão grande relevo na filosofia e na ética, é à vida real do próprio Sócrates que, numa pane muito considerável, isso se deve. A sua vida foi uma antecipação do novo *bíos*, baseado integralmente no valor *interior* do Homem. E os seus discípulos souberam compreender que era nessa renovação da velha arquetípica do filósofo como encarnação de um novo ideal de vida que residia a força principal da *paideia* socrática (JAEGER, 2013, p. 537, grifo do autor).

A *paideia* sofística, idealizada enquanto orientação para a vivência coletiva dos cidadãos na *polis*, possibilitando meios e transições para a construção do próprio Estado, tinha, em geral, a pretensão de formar homens com estilo político persuasivo e, por meio dessa preparação, instituir o bem comum. A *paideia* socrático-platônica desloca esse sentido de preocupação com a imagem do Estado para o princípio motor, que permite todos os conhecimentos humanos: a alma: “pela

Apologia de Platão sabemos que o verdadeiro Sócrates era principalmente um grande pregador da virtude e do cuidado da alma” (JAEGER, 2013, p. 600).

Nessa perspectiva, percebe-se que existe uma transferência do sentido simbólico, antropológico e teleológico da questão educacional (*paideia*). Se antes existia uma *paideia* preocupada com o desenvolvimento do Estado em um panorama político aristocrata, visando apenas o poder nas mãos de poucos, existe agora, portanto, um projeto educacional voltado à vida interior, preocupando-se com a organização ética, moral e psicológica do cidadão. Esse conjunto de propriedades construídas no interior humano deriva da própria reflexão consciente do pensamento moral, ou seja, do aprimoramento racional humano, característica primordial para o despertar filosófico e para o amadurecimento da civilização, segundo Platão.

A modalidade retórica, enquanto formação para a juventude, era caracterizada pela ênfase no prazer sensível e no *status* social. A linguagem utilizada no discurso trazia em si uma marca ideológica, visando à persuasão e, ao mesmo tempo, a agradar as pessoas, principalmente aquelas pertencentes às classes altas e políticas.

Diferentemente, a linha socrático-platônica investia em direcionar o espírito para as coisas eternas e absolutas, por meio de uma vida voltada à identidade moral, à semelhança das Ideias perfeitas.

Assim, a *paideia* platônica se preocupou com “[...] algo firme que não flutuasse ao sabor dos ventos e das modas, uma concepção comum e inovadora do que fosse o belo, o bem, o justo” (LAZARINI, 2007, p. 22). O ideal que permeava o sistema educacional socrático e que veio a permear, depois, o platônico é a *kalokagathia*<sup>7</sup>, baseada na determinação constante e disciplinar para o aperfeiçoamento da alma de todos os cidadãos (LAZARINI, 2007). Esse ideal pretende desenvolver estruturalmente uma elevação da humanidade por meio da formação integral, modelando-a internamente, abrindo caminho para a construção das virtudes.

Evidencia-se, portanto, de forma clara e distinta, o esforço contínuo por parte de Sócrates e Platão na elaboração filosófica de uma *paideia*, ou seja, uma

---

<sup>7</sup> “[...] palavra oriunda da junção dos termos *kalós* (belo) *kai* (e) *agathós* (bom), qualidade de um *kalokagathos*, homem bom e belo tanto física quanto moralmente. A *kalokagathia* é contrária à noção de *hybris*, que compreendemos como um ato de descontrole, de excesso. Esse ideal de virtude figura em diversas obras do período clássico, como o diálogo intitulado *Banquete* (*Sympósion*) escrito por Xenofonte em torno de 380 a.C., no qual o filósofo Sócrates figura enquanto um *kalokagathos* por excelência” (SOUSA, 2013, p. 232, grifo do autor).

orientação consistente para a educação de seu tempo, intrínseca a uma abertura ao espírito crítico e ao espanto, condições de possibilidade determinantes para a iniciação no filosofar. Em outras palavras, pode-se afirmar que a Filosofia socrático-platônica tinha a perspectiva de superar a ideia de educação homérica e do pensamento sofístico – primeira fundada na idealização mítica e a segunda, na arte da persuasão, ou seja, na retórica.

É importante ressaltar que não existe simplesmente uma satisfação por parte do pensamento destes dois filósofos em questão, de contemplar somente a essencialidade das categorias eternas, e sim almejar a centralidade do Sumo Bem. Atingir o núcleo do Sumo Bem seria a absoluta perfeição da humanidade. Para Platão, a finalidade do processo educativo é a semelhança definitiva com o divino, em que:

“[...] o fim último da existência, e portanto, o objetivo da educação será a assemelhação com Deus (*homoíōsis tō Theō*)”. Eis o tēlos, o dever-ser, o motivo pelo qual deve-se educar os homens” (TEIXEIRA, 1999, p. 55, grifo do autor).

Nesse sentido, o que a *paideia* platônica pretende é retomar, por meio da reminiscência das essências inteligíveis, as ideias absolutas e imutáveis relativas ao real. É essa empreitada que é teoricamente articulada em **A República**, por Platão (2016). Importa que cada indivíduo se empenhe e que a *polis* mesma favoreça a elevação à Ideia do Bem, por meio do investimento sincero ético no ser humano.

Nesta seção, foi possível refletir sobre o problema do superficialismo na educação humana, enquanto falta de compromisso e seriedade com o verdadeiro sentido de educar os indivíduos para a vida na *polis*. Além desse distanciamento do real propósito de educar os indivíduos, proporcionando-os valores para que possam alcançar constantemente o progresso da vida ética e virtuosa, a educação superficial é a negação de um ideal que orienta a vida humana em direção ao Sumo Bem.

Esta reflexão só foi plausível porque esta pesquisa segue de perto o sistema educacional platônico. Por meio dessa apreciação, conclui-se que a Ideia do Bem, bem como o conceito de educação, é a principal problemática presente na supracitada obra. Nessa perspectiva, Platão trava uma ferrenha crítica contra os sofistas presentes no seu contexto histórico e filosófico. Na ótica platônica, o superficialismo sofista corrompia a aptidão dos indivíduos na construção de

verdadeiros valores, além de desacreditarem em uma verdade absoluta e na duração eterna de todos os valores. Portanto, na próxima seção, vale continuar essa proposta platônica, refletindo sobre o diagnóstico por ela apresentada perante o superficialismo sofista.

## 4 A CRÍTICA SOCRÁTICO-PLATÔNICA AO SUPERFICIALISMO NA CULTURA

Por meio da reflexão anterior, compreende-se que Platão considerava a educação a mais nobre das ciências e outorgava ao ideal educacional a condição de Bem supremo da vida, tendo como objetivo último a formação de cidadãos virtuosos. Nesta seção será apresentado o fio condutor que indicará o diagnóstico crítico de Platão para libertar o ser humano das sombras do mundo ilusório. Acompanhado essa análise, a solução platônica florescerá à luz da **Alegoria da caverna**, proporcionando a emancipação humana. Por fim, essa contribuição se fará presente frente ao superficialismo na educação contemporânea.

### 4.1 O DIAGNÓSTICO CRÍTICO APRESENTADO PELA ALEGORIA DA CAVERNA

Na História da Filosofia, à luz do horizonte das virtudes, Platão (427-347 a.C.), preocupado com o modo superficial da educação social, faz um diagnóstico crítico da situação da *polis* em sua época. Seguindo a linha de seu mestre Sócrates, empenha-se veementemente para demonstrar que eram necessárias mudanças na concepção da formação da pessoa humana até então vigente. Em geral, essa crítica em sua totalidade, como já fora explanada nas seções anteriores, é uma convicção negativa daquilo que era costume dos cidadãos gregos. Para fundamentar ainda mais essa acepção do filósofo, é importante lembrar que o pensamento socrático, com sua característica dialogal, crítica e irônica, constitui-se como base de toda construção filosófica de Platão.

Platão estava inserido em uma época em que o mito era uma orientação primordial da cultura civilizatória grega. Embora ele tenha questionado a mitologia, utilizou-se dela para expor seu pensamento, ou seja, o recurso aos mitos para explicar a realidade ainda tinha sentido aos olhos de Platão. Vale destacar que o fundador da Academia de Atenas – provavelmente a primeira universidade da história, na qual grupos de seus seguidores recebiam educação formal – fazia parte da tragédia grega enquanto poeta. Função esta que, depois de um longo tempo, ele deixa sob a influência de seu mestre Sócrates (TEIXEIRA, 1999). De fato, é característica essencial de Platão atribuir, em seus escritos, metáforas para explicar a realidade, com o objetivo de conduzir o homem ao conhecimento do Bom, do Belo e do Verdadeiro.

O problema do superficialismo presente desde os tempos remotos na história filosófica e educacional, como apresentado na seção anterior, é uma das principais preocupações do pensador grego em questão, problema que ele tentou combater. Este pode ser entendido na Filosofia de Platão como hábitos, costumes e práticas que o ser humano adquiriu desde a infância. Por meio dessas características, os indivíduos só conseguem enxergar as coisas de maneira parcial, limitada, incompleta e distorcida, como sombras.

Nessa perspectiva, para apresentar o diagnóstico analisado pelo filósofo em questão, é bastante propício recorrer à **Alegoria da Caverna**. Essa Alegoria é apresentada no livro VII de **A República** (2016), obra platônica considerada insigne, porque fora escrita com maestria na época de sua maturidade intelectual.

Platão não escreveu **A República** (2016) com o intuito de ser uma literatura para mero entretenimento. Ele percebia uma lacuna na preparação das pessoas para atuarem na vida comunitária. Assim, previu, nessa obra, um sistema de ensino que mobilizava toda a sociedade, orientando-a para a formação de sábios capazes de encontrar a virtude.

Essa construção teórica e prototípica encarna e compila, em uma linguagem filosófica, o seu pensamento a respeito da educação. Ela é assumida ali como percurso proposto por ele a respeito da *paideia* ideal, enquanto paradigma para a emancipação do cidadão como sujeito ético. Mais especificamente, o enredo da **Alegoria da Caverna** se constitui por meio de um diálogo metafórico, travado entre Sócrates, personagem principal, e Gláucon, seu interlocutor.

Ao refletir sobre o sentido formativo da pessoa humana, embasado na explanação anterior, ele ressaltava a primazia da preparação do filósofo na obra, o principal representante, nomeado por Platão como o mais apto para governar a cidade. Adentrando, a partir de agora, nessa ilustração proposta pela Filosofia platônica, começa a ser analisada essa construção ou itinerário iluminador para que o homem se inspire e edifique a *polis* ideal. Com esse alicerce teórico, o cidadão seria capaz de desenvolver no seu interior, com efetiva preocupação, a moral, a ética, a justiça, enfim, todas as virtudes que possam viabilizar o seu autoconhecimento no sentido educacional e filosófico.

A Alegoria começa com um diálogo quando Gláucon aceita a proposta de Sócrates de imaginar pessoas amarradas e aprisionadas desde a tenra idade,

escondidas da realidade, em uma caverna subterrânea assombrosa e aparentemente sem muita vida, como se segue:

Imagina uma caverna subterrânea provida de uma vasta entrada aberta para luz e que se estende ao largo de toda caverna, e uns homens que lá dentro se acham desde meninos, amarrados pelas pernas e pelo pescoço de tal maneira que tenham de permanecer imóveis e olhar tão só para a frente, pois as ligaduras não lhes permitem voltar a cabeça; atrás deles e num plano superior, arde um fogo a certa distância (PLATÃO, 2016, p. 273).

Nesse lugar, eles vivem uma experiência semelhante à condição de morte, pois não podem mover a cabeça, muito menos sair do lugar. É um ambiente cheio de ignorância e ilusão para aquele que saiu da caverna e viu a luz da verdade, isto é, o filósofo. Há, porém, pessoas que têm vida bela, boa e prazerosa na caverna. Portanto, muitos que estão nesse lugar acham que está tudo bem.

Nessa condição, são obrigados a olhar só para frente, com os olhos fixos na escuridão, sem reconhecer em momento algum, o mundo exterior nem a claridade do Sol (LAZARINI, 2007). A única fonte iluminadora que lhes serve de conforto é uma chama que queima atrás deles. Existe também um ponto de escape entre os prisioneiros e a chama, uma espécie de via ascendente, e, ao lado dela, um muro, atrás do qual passam pessoas transportando objetos diversos, como sugere Sócrates à imaginação de Gláucôn:

E não vês também homens a passar ao longo desse pequeno muro, carregando toda espécie de objetos, cuja altura ultrapassa a da parede, e estátuas e figuras de animais feitas de pedra, de madeira e outros materiais variados? Alguns desses carregadores conversam entre si, outros marcham em silêncio (PLATÃO, 2016, p. 274).

O texto evidencia a estranheza com que Gláucôn age em relação à cena que acabara de formar em mente ao ouvir atentamente Sócrates: “Que estranha situação descreves, e que estranhos prisioneiros!” (PLATÃO, 2016, p. 274). O susto é maior quando Sócrates afirma com firmeza e segurança que esses prisioneiros representam toda a humanidade, presa nas correntes das ideologias e nas amarras da vida, que não lhes permitem alcançar o núcleo do conhecimento, ou seja, a plena verdade.

Entretanto, impedidos de contemplar a realidade na sua totalidade, por conta do confinamento a eles conferido, são forçados a permanecer com a cabeça imóvel e, com isso, só podem ver as sombras dos objetos que passam lá fora, refletidas



pela luminosidade do fogo, projetada na superfície do muro à frente deles (LAZARINI, 2007). Como alguns prisioneiros podiam dialogar entre si, quando o assunto era sobre o que aqueles homens que passavam por detrás do muro transportavam e que conseguiam visualizar, consideravam aqueles objetos reais, dispensando qualquer possibilidade de outra existência paralela a essa realidade vigente em algum lugar.

Em meio a tudo isso, o barulho forte oriundo da parede de frente para eles ecoava no ambiente, ocasionando, provavelmente, algum desespero para quem não estivesse acostumado a essa dependência. Indubitavelmente, no entendimento de Sócrates, o ruído ouvido pelos prisioneiros são expressões distorcidas do mundo sublimar (passageiro, efêmero, material), ecos do mundo verdadeiro, a indicar a precariedade dos sentidos para a captação da Verdade das Ideias. A vida dos homens no interior da caverna, na multiplicidade de suas percepções, é marcada pela linguagem ilusória, ou seja, sem sistematização à luz do conhecimento real, que pode ser ocasião para um salto qualitativo ou não. A diferença se constitui na capacidade da linguagem humana do mundo real sistematizar, ou seja, comunicar diversas ideias e sentimentos por meio de gestos, do conhecimento, através da experiência adquirida na cultura, em meio à relação social. Nesse sentido, a projeção superficial desses acontecimentos produzida no interior da caverna pelos prisioneiros seria levada a sério como realidade única por eles próprios. Afinal, “[...] a atitude dos prisioneiros é de total despreocupação” (TEIXEIRA, 1999, p. 63).

Nessa perspectiva, portanto, a absoluta despreocupação desses prisioneiros representa a dominação da ignorância sobre eles. Esse processo de escuridão e de incertezas, presente na situação da caverna, demonstra a dificuldade humana de aceitar o novo, isto é, aquilo que provoca, representado no mito pelo Sol que ilumina todo o conhecimento, ou seja, o Sumo Bem. Porém, convém deixar claro que a dificuldade não se dá simplesmente porque o conteúdo é novo ou provocador, mas porque se trata da própria verdade. Afinal, só “[...] mais tarde, passaria a tirar conclusões a respeito do Sol, compreendendo que ele produz as estações e os anos e governa o mundo das coisas visíveis” (PLATÃO, 2016, p. 276).

Como desdobramento para o diagnóstico crítico apresentado por Platão, por meio da **Alegoria da Caverna**, o próximo tópico refletirá sobre a emancipação humana enquanto desprendimento das amarras intelectuais com o processo educativo.

## 4.2 A SOLUÇÃO PARA O SUPERFICIALISMO COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO ILUSTRADO PELA ALEGORIA DA CAVERNA

Neste tópico, tratar-se-á do processo emancipatório do indivíduo contemplando as duas partes seguintes da **Alegoria da Caverna**, que indicam meios para o ser humano superar as sombras do mundo sensível, ou seja, a aproximação superficial ao real, e alcançar o Sumo Bem no plano inteligível. Nesse caso, importa respeitar a linguagem e as categorias platônicas, deixando para o próximo item a apropriação dessa teoria clássica, juntamente com alargamentos promovidos por concepções contemporâneas. Cabe, então, explorar, ainda que brevemente, as indicações formativas oferecidas pela alegoria de Platão.

A metáfora da caverna pode ser considerada um dos paradigmas mais relevantes, enquanto condição de possibilidade para se resgatar o verdadeiro papel da educação e o sentido da *polis* em sua gênese. Na concepção de Platão, emancipar-se é transformar o homem como verdadeiro indivíduo ético, capaz de contribuir e preocupar-se com a edificação da *polis* justa e democrática (TEIXEIRA, 1999). Vale lembrar que, na concepção socrático-platônica, conhecimento e bem caminham juntos, em proporção direta. Quanto mais se conhece, melhor se é. O mal vem da ignorância (REALE, 2014).

A primeira parte da alegoria, apresentada no tópico anterior, focou nos prisioneiros, presos ao mundo das sombras, dando a entender que a mentalidade dessas pessoas estava fechada em meras aparências. Já a segunda e a terceira etapas serão tratadas de modo a se demonstrar o objetivo platônico quanto à libertação dos indivíduos do mundo das amarras ético-cognitivas, ou melhor, das ilusões. De acordo com essa fundamentação, Alencar (2016) diz que “[...] todo homem que quiser alcançar a ciência do bem ou o saber, deve sair da escuridão da caverna, e ir em direção à luz que vem de fora” (ALENCAR, 2016, p. 8).

Nesse ângulo, como seria se um dos prisioneiros fosse liberto dos grilhões e obrigado a levantar-se, mover o pescoço, caminhar e olhar diretamente para a claridade do Sol<sup>8</sup>? Sem muito tempo para pensar, um desses prisioneiros é liberto das correntes e está autorizado a sair. Mas a sua saída é marcada por muito

---

<sup>8</sup> “[...] o Sol simboliza a Ideia do Bem” (REALE, 2014, p. 297).

sofrimento e dificuldades, o que se faz sentir principalmente nos olhos, por conta do ofuscamento inevitável causado pela luz do grande Sol (da plena verdade), astro que nunca antes tivera visto ou sentido. Como é expresso no próprio texto:

A princípio, quando se desate um deles e se obriga a levantar-se de repente, a virar o pescoço e a caminhar em direção à luz, sentirá dores intensas e, com a vista ofuscada, não será capaz de perceber aqueles objetos cujas sombras via anteriormente (PLATÃO, 2016, p. 275).

A partir dessa perspectiva, considerando-se esse processo de libertação para ver a luz (verdade), é possível encontrar pistas inspiradoras para instituir a emancipação intelectual humana por meio da educação. A pista, mediante esse problema é a **conversão**<sup>9</sup>. Nesse sentido, a educação é ponto de apoio primordial para o próprio crescimento cultural, ético, intelectual e moral do homem. Ela deve assumir a responsabilidade de criar mecanismos capazes de provocar, conduzir e libertar o homem da mera experiência sensível até o Sumo Bem: “isto requer uma ascese que não se dá sem os rompimentos e as dores naturais da subida para a região de cima” (VIÉGAS, 2014, p. 170).

Nessa perspectiva, o papel da educação é fundamentalmente um despertar, um convite que deve vir da arte do cuidado realizada por outrem e com intenção de promover sempre o homem. O que se pretende é que aconteça o resgate da alma, retirando-a do mundo das sombras e das opiniões vazias (VIÉGAS, 2014). Segundo a visão/linguagem platônica, este resgate é para o mundo absoluto e eterno, onde se localiza a ideia do Bem. Ressalta-se que, para acontecer essa empreitada, é primordial a ajuda de todos os indivíduos, ou seja, dos amigos, dos educadores, da família e da sociedade em geral. É característica dessa união a responsabilidade de provocar o educando, forçando a sua desacomodação durante o seu processo de aprendizado.

Toda desacomodação supõe e indica a urgência de um recomeço, de uma novidade consistente, capaz de atrair os educandos, tirando-os do mundo das sombras, da indisciplina (caos infrutífero ou retardante do desenvolvimento) e da ignorância (*agónia*: não saber alienante e ilusório) para o mundo real, dialeticamente

---

<sup>9</sup> “Essa metáfora da ‘conversão’ foi retomada e desenvolvida pelos cristãos em sentido religioso, como bem observou Jaeger, afirmando que ao ‘considerarmos o problema não já do fenômeno da ‘conversão’ como tal, mas da origem do *conceito* cristão de conversão, deve-se reconhecer em Platão o primeiro autor desse conceito. A transferência do vocábulo para a expressão religiosa cristã teve lugar no terreno do primitivo platonismo cristão” (REALE, 1994, p. 298, grifos do autor).

contrário a essas negatividades. Todo esse processo de reeducação deve ser dialogal, pois exige acolhida, crescimento, empatia, esforço, respeito mútuo, união. É possível observar que cada vez mais as pessoas têm mostrado que deixar-se absorver pelas novidades, ou seja, pelos novos métodos a elas confiados para melhorar a sociedade, por sua vez, não é algo bem aceito, pois exige comprometimento: “contemplar a verdade dos objetos iluminados pela luz do sol exige um preço a ser pago: desacomodar-se” (TEIXEIRA, 1999, p. 64). Afinal, o ser humano está preparado para assumir um processo educativo desalienante, como proposto por Platão? Os indivíduos estariam dispostos a sair de sua zona de conforto, ou seja, da caverna do mundo ilusório em que eles estão inseridos e assumir a realidade com mais autonomia e responsabilidade?

De fato, tal ação libertadora, figurativamente indicada na **Alegoria da Caverna**, que pode ser abordada a partir de diversos sentidos – metafísico, gnosiológico, dialético, ético e místico –, exige que a atuação do educador seja socialmente considerada como de grande importância e necessidade. O educador é aquele que organiza, pesquisa e viabiliza possibilidades integrativas e conceituais que ajudam o educando a superar as dificuldades ou as lacunas presentes no seu conhecimento. Trata-se de ajudar o educando a sair do estado de ignorância enquanto mecanismo que faz com que o aprendiz desacredite das suas capacidades de aprendizado, crescimento, mudança pessoal e contribuição social (VELOSO, 2017).

Toda educação, portanto, deve ter caráter terapêutico, ou seja, deve se dar como um remédio para curar a ignorância humana. E o princípio dessa terapia é a admiração, isto é, o despertar para o verdadeiro comportamento originário do filosofar (visão crítica) e a abertura do homem para o real. Cabem aqui as palavras de Bornheim (1998):

Na admiração, verifica-se um simpatizar, no sentido etimológico da palavra, um sentir unido ao real, e esta disponibilidade apreende o real como uma presença insofismável, porque, longe de impor-lhe o que quer que seja, o deixa ser em toda a sua dimensão como plenitude de presença (BORNHEIM, 1998, p. 39).

A marca da superação em relação ao que fora explanado anteriormente possibilita a abertura dos prisioneiros para contemplarem o todo em sua plenitude e não se fixarem somente em um único ponto. Só assim poderão locomover-se com

plena liberdade no interior da caverna e depois saírem com segurança e preparados para conhecerem os objetos em sua originalidade. Antes da superação propriamente dita, porém, esse processo emancipatório aguçar a regressão. À primeira vista, o enclausurado achará que está em uma situação pior que a anterior, pois, com a luz ofuscante do Sol em seu rosto – figura da verdade mesma exposta como alternativa ao conhecimento até então dado –, não enxergará a preciosidade do que se lhe apresenta, que o deve pertencer e que contribuirá no seu progresso.

Para o homem preso em suas sombras e misérias, superar o ofuscamento acometido pelo processo de ressurreição, não cristianizado, pelo qual passou, terá de adaptar-se, dia após dia, com muita dedicação e a ajuda de pessoas que também já passaram por essa experiência. Depois dessa adaptação, o homem estará apto a olhar o real com *déficit* cada vez menor, contemplando a beleza e a grandeza do Sol, Rei que ilumina todo conhecimento verdadeiro, ou seja, o deus do mundo suprassensível: “se, num primeiro momento, ao menos aparentemente, temos uma espécie de regressão, em um segundo momento o que realmente se dá é uma conversão” (TEIXEIRA, 1999, p. 64).

A educação se apresenta como um desafio de conversão aplicado à história, que, na prática, pode ser entendida enquanto transformação do sujeito na sua dimensão material e espiritual. Mas a conversão humana para a educação não é um momento rápido. Antes, exige do sujeito dedicação e tempo. Nesse sentido, nota-se o empenho de Platão para mudar os rumos da educação grega. É provável que sua ideia tenha pretensões universais, já que possui base explicativa ontológica.

O processo para o homem emancipar-se tem início no interior da caverna. É muito pouco ou quase nada o valor gnosiológico que há em visualizar meramente as sombras dos objetos refletida através da chama, que pode um dia ser apagada por todos os homens de bem e civilizados, para que todos possam experimentar a beleza de ver as coisas como elas são. Como Sócrates interpela Gláucun:

E se o levassem dali à força, obrigando-o a galgar a áspera e escarpada subida, e não o largassem antes de tê-lo arrastado à presença do próprio Sol, não crês que sofreria e se irritaria, e uma vez chegado até a luz teria os olhos tão ofuscados por ela que não conseguiria enxergar uma só das coisas que agora chamamos realidades? [...] Precisaria acostumar-se, creio eu, para poder chegar a ver as coisas lá de cima. O que veria facilmente seriam, antes de tudo, as sombras; depois, as imagens de homens e outros objetos refletidos na água; e por fim os próprios objetos. Alcançaria então os olhos para a Lua e as estrelas, e veria o céu noturno muito melhor do que o Sol ou a sua luz durante o dia. [...] E por fim, creio eu, estaria em condições

de ver o Sol, não suas imagens refletidas na água ou em qualquer outro lugar (PLATÃO, 2016, p. 275).

A visão da realidade não muda de repente, mas exige esforço e adaptação em um processo contínuo de descoberta e desenvolvimento. Após essa experiência, apesar de já ter tomado consciência de que o que visualizou dentro da caverna não passava de uma imperfeição, o indivíduo tem a vontade de retornar para o interior da caverna para se proteger desse sofrimento, que ele mal sabe ser momentâneo. Mas, uma vez tendo acesso à verdadeira realidade, representada pelo mundo externo à caverna e, em especial, pelo Sol, não há opção, ele é retirado à força pela verdade que lhe fora exposta e, então, deve trilhar o seu próprio caminho até a luz do Sol.

A educação é essa oportunidade desafiadora, essa preocupação de conduzir o homem aos altos níveis do conhecimento. Porém, Platão parece ser cômico de que a educação não é um processo fácil, e sim desafiador: “educar comporta também passar por determinadas crises, por momentos de incerteza” (TEIXEIRA, 1999, p. 65).

Aquele que sai da escuridão e sobe os caminhos íngremes transcende a busca de autoconhecer-se, tentando superar sua própria cegueira frente à verdade. Superar a caverna é um aprendizado para vencer na vida, embora isso cause crise e gere desconforto, porque a tribulação vem acompanhada de diversas mudanças. Mas a crise, nesse caso, deve ser encarada como ponto positivo, pois faz com que o homem seja provocado, capaz de questionar a si mesmo, ao mundo e às coisas que o cercam, visando à construção de significados ou à demolição daquilo que não tem mais sentido. Quando a tribulação é enfrentada com responsabilidade, ocasiona um amadurecimento do homem, pois este será capaz de rever os seus erros e sairá do que é mais fácil e cômodo para alcançar níveis mais elevados de conhecimento intelectual e ético (TEIXEIRA, 1999).

Platão acredita que o papel pedagógico, de certa maneira, alcança seu ápice com a formação integral do filósofo. Na visão dele, o único capaz de governar a cidade com justiça e com todo recurso administrativo é o filósofo, que se tornaria rei por assumir essa cátedra. Para ele, as funções públicas e tradicionais do Estado dependem de uma boa preparação ética e filosófica de todos os indivíduos (ALENCAR, 2016).

Assim, por meio do conhecimento filosófico, ou seja, do excelso amor à sabedoria, a preparação do filósofo é delimitada em duas etapas. A primeira se refere à libertação das amarras da caverna, ao sair de “[...] seu estado de alienação” (TEIXEIRA, 1999, p. 66) e a segunda à superação, ou seja, o retorno daquele que passa pela experiência da mudança dos paradigmas da vida para libertar os companheiros. A Filosofia, nesse sentido, pode ser entendida como pedagogia, com a finalidade de conduzir o homem à necessária e precisa mudança de direção; é a arte principal para a conversão sincera acontecer em sua ampla dimensão (VIÉGAS, 2014).

Segundo a concepção de Platão, o filósofo é aquele que experimenta a verdade e retorna para chamar os conterrâneos a superar todo tipo de vida ilusória. O primeiro a fazer esse processo de mudança na História da Filosofia foi Sócrates, como afirma Alencar (2016):

O maior exemplo que podemos ter como resultado ao homem que retorna a caverna foi o Sócrates, que movido pelo saber, e com o intuito de libertar da falta de intelecto que formava os jovens foi acusado de corromper os corações dos jovens (ALENCAR, 2016, p. 9).

O exemplo de Sócrates aqui tem um valor simbólico. Ele aponta para a necessidade do investimento coletivo-social no processo de educação das novas gerações ou, mesmo, de todas as gerações. A caverna parece indicar um lugar comum da humanidade como um todo, e não apenas de um grupo de gregos antigos. Todos e cada um devem se empenhar para que haja um processo educativo eficiente, capaz de ajudar os indivíduos e as sociedades a transcenderem o mundo das meras aparências rumo à verdadeira realidade.

#### 4. 3 A SOLUÇÃO PLATÔNICA E O SUPERFICIALISMO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Neste tópico, será tratado daquilo que Platão propõe para tentar solucionar o problema do superficialismo na educação. De modo particular, este tópico refletirá sobre o respectivo problema da educação atual. Nesse sentido, para uma compreensão sobre a solução platônica e a reflexão sobre o superficialismo na educação contemporânea, vale o retorno, em síntese, ao momento em que um dos

prisioneiros consegue se libertar e sair da caverna. Na caverna, depois de um tempo preso às amarras da ignorância e contemplando somente a própria sombra dos companheiros e dos objetos que ali se encontravam, um dos prisioneiros consegue sair do mundo da escuridão, aproximando-se da fonte da verdadeira luz, externa à caverna. Inicialmente, por não ter sido acostumado com a claridade, ficou com os olhos doloridos e ofuscados. Depois de um intervalo, conseguiu visualizar diversos objetos em sua plenitude, e não somente as suas sombras (TEIXEIRA, 1999).

Assim, pôde, em primeira mão, contemplar a beleza de um mundo iluminado pela luz do grande Sol. Contente, decide retornar à caverna para contar tudo o que ouviu, sentiu e viu aos seus concidadãos. Pela lógica platônica, esse indivíduo pode ser nomeado filósofo, por experimentar a verdade (*Aletheia*) e por não guardá-la apenas para si, ou seja, o filósofo é aquele que observa, age e ensina aos demais. A **Alegoria da Caverna** foi uma forma elaborada por Platão, para chamar a atenção dos homens, expressando que o mundo sensível é formado por fenômenos, ou seja, aquilo que aparece e não a essencialidade de fato. Em outras palavras, esses fenômenos são apenas sombras ou cópias do mundo das Ideias: são irrealidades.

Nessa perspectiva, o discípulo de Sócrates deixou um importante legado ao escrever este diálogo metafórico central em **A República** (2016). Trata-se de uma alegoria da própria história ocidental e que, depois de séculos, ainda se faz presente e muito atual. Esse legado pode, portanto, ser entendido como uma maneira viva e eficaz para se pensar a educação contemporânea. Afinal:

[...] a educação é fundamentalmente um chamamento, um convite que deve se constituir na arte de promover o resgate da alma do mundo das sombras, das opiniões e ilusões para o mundo superior onde está a ideia do bem (VIÉGAS, 2014, p. 166).

Nesse sentido, é possível identificar, na Filosofia de Platão, uma unidade entre os pensamentos filosófico e pedagógico, pois o pensador grego oferece, “desde suas origens do mundo ocidental, os princípios e as diretrizes de um projeto filosófico-pedagógico. Um projeto educacional identificado com a própria filosofia” (PAVIANE, 2008 apud VELOSO, 2017, p. 65). Essa constatação é relevante para a origem do filosofar, entendido como meta e único caminho para o ser humano conseguir alcançar a plenitude na educação. O objetivo da educação pode ser compreendido como a articulação de um processo capaz de conduzir o ser humano



à conversão do estado de ignorância intelectual, moral, estética, dentre outras, para o estado de conhecimento crítico.

Compreendida nessa perspectiva, a iniciativa educacional de Platão continua inovadora, com certo teor de esperança, e o diagnóstico de alienação por ele apresentado, atualmente, se torna primordial como premissa reflexiva (VELOSO, 2017). Com isso, o homem contemporâneo é convidado a refletir profundamente sobre o verdadeiro papel da educação e o que ele próprio deve desempenhar nesse processo.

O homem da era contemporânea, inserido em uma sociedade alienada e alienante, fragmentada e desprovida de valores éticos, morais e religiosos, deve utilizar-se de sua racionalidade, também reduzida ao instrumentalismo, para buscar compreender e resgatar termos muito explorados pelos gregos antigos, como a *areté*. Este termo fora utilizado para conduzir a vida dos cidadãos na Grécia clássica, cujo sentido original é entendido como virtude (VAZ, 2006). Hoje existe uma importância de retomar a ideia de virtude para que os indivíduos a tenham enquanto padrão normativo, sobretudo como critério para os mesmos saberem como devem viver a vida. O desempenho da virtude é capaz de cultivar no homem a sabedoria para que o mesmo possa agir de maneira ética e eficiente nas relações com outrem.

Além de uma ênfase em relação à virtude, Platão retoma em sua Filosofia outro conceito grego que, atualizado na concepção platônica, torna-se fio condutor do seu projeto pedagógico, que é a *paideia*. O projeto pedagógico do pensador em questão, cuja finalidade é educar para a virtude, assume um papel político que se torna decisivo na formação dos indivíduos e, assim, na construção da *polis* ideal. A cidade-estado ideal hoje seria uma estruturação espiritual, isto é, comprometida com valores éticos e morais, capazes de formar cidadãos sábios para governá-la. Esse conjunto seria composto por homens e mulheres livres e com participação política contínua. Porém, ressalta-se que uma transposição para o contexto atual fragmentado e superficial daquele horizonte literário é delicada e complexa: “há um paralelismo entre o desenvolvimento do indivíduo e o da sociedade” (VELOSO, 2017, p. 66).

A caverna retratada por Platão pode ainda representar o mundo contemporâneo. A mentalidade reinante no interior da caverna era de uma realidade desprovida de fundamentos, sem preocupação pelas conquistas democráticas e, assim sendo, tendente a caminhar para sua própria perdição. Toda essa alienação

impede o ser humano de mover a cabeça, olhar para novos horizontes e compreender a realidade sem distorção. Em certa medida, a contemporaneidade, certamente ao seu modo e sob condições que lhe são próprias, apresenta esses mesmo limites e desafios.

No contexto atual, a sociedade vivencia o auge da inovação tecnológica já alcançada pela humanidade, a qual revela, para além de todos os benefícios, que, de fato, traz a capacidade de autoalienação do ser humano. A juventude é o grupo social mais afetado pelas diversidades tecnológicas, entre elas, a digital. A principal característica que reflete a alienação humana, nesse contexto, é a falta de maturidade suficiente para realizar, com o equilíbrio necessário, o discernimento do que é mais benéfico para a vida individual e social, a curto, médio e longo prazo (REALE, 1999).

As condições tecnológicas refletem também a grande produção em massa de meios de comunicação, TV, rádio, ou entretenimentos superficiais que afetam o processo de formação cultural e social humano. Portanto:

[...] a caverna atual seria o mundo das aparências, o mundo que é criado para nós e não por nós, resumindo-se na crença em sombras projetadas daquilo que alguém quer em que acreditemos (VELOSO, 2017, p. 59).

O homem, desde a sua tenra idade, recebe, direta ou indiretamente, uma educação imposta que não o ensina questionar com tanta intensidade aquilo que está sendo ensinado ou transmitido culturalmente. O resultado desse processo o leva à passividade, à cegueira quanto ao que está em jogo na vida, ignorante frente às ideias apresentadas pela sociedade em geral, às crenças envolvidas nesses conhecimentos expostos.

Assim, importa ressaltar que o tipo de educação oferecido por determinada sociedade tem implicações tanto para cada indivíduo que nela vive quanto para a coletividade. Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo grego e discípulo de Platão, já dizia que “[...] o ser humano é um ser social e destinado naturalmente à vida coletiva” (ARISTÓTELES, 2014, p. 345). Dessa forma, toda e qualquer iniciativa humana, oriunda, por sua vez, das virtudes, dos vícios, das emoções, e das vontades de cada indivíduo, reflete-se, de modo positivo ou negativo, na convivência comunitária.

Nesse sentido, a educação é condição de possibilidade para ajudar a construir o Estado ideal, isto é, onde todas as pessoas possam conviver

pacificamente, mas que sejam autônomas, respeitando os princípios de igualdade e liberdade e sem corrupção; um Estado mais adequado para o desenvolvimento das potencialidades benéficas de todos, criando mecanismos seguros para livrar o indivíduo contemporâneo das amarras das ilusões alienantes, expressas especialmente pelo superficialismo (BOBBIO, 2010). Em meio a esse processo, é importante que a democracia seja o pano de fundo a assumir a principal posição entre as conquistas humanas, porque a mesma pode ser garantia de uma coletividade justa e igualitária nos direitos e deveres, proporcionando aos indivíduos mais liberdade e autonomia na resolução dos conflitos.

Entretanto, a maneira de conceituar e aplicar, na vida cidadã, o que a Grécia clássica entendia por *paideia*, especificamente em Platão, deixou de ser um ideal educativo na contemporaneidade. Depois de séculos, este conceito cultural, ou seja, o modo de vida de um povo que se preocupa em unir os valores pessoais com os valores coletivos, passou a ser meramente imitado como formação técnica, econômica, mercantilista e social do ser humano (REALE, 1999).

Com o desenvolvimento econômico, o homem tem se preocupado cada vez mais com um imenso horizonte de progresso científico e técnico. Mais recentemente, pode-se vislumbrar mais claramente o que está por detrás dessa tendência: o progresso científico e técnico a serviço do econômico. O saber produzido depois da aurora da modernidade tornou-se operacional, instrumental e matemático, muitas vezes despreocupado com a formação humana e cultural dos indivíduos. Em meio a essa visão reducionista de grande parte do progresso civilizatório, idealizado pelos gregos antigos, o ser humano, protagonista principal em meio a esse processo, tornou-se mero objeto de estudo das ciências modernas. Como resultado dessa transformação, tem surgido cada vez mais uma pluralidade de universos culturais, ou seja, diversos mundos com características relativas a calcular, vender e comprar especificamente. Segundo o comentador de Platão, na era atual:

O nível de competitividade e a preocupação com o mercado enfatizaram uma educação cada vez mais técnica e intelectual, não se preocupando, com a mesma intensidade, com a dimensão afetiva, ética e transcendente do homem (TEIXEIRA, 1999, p. 8).

Afinal, uma educação que não se preocupa com a integralidade do ser humano é capaz de manter a humanidade como protagonista de sua existência e história?

Essa interrogação expressa a problemática central deste tópico: a importância de se refletir filosoficamente sobre a educação superficial na era contemporânea, contemplando a solução platônica ilustrada pela **Alegoria da Caverna**, versão metafórica e sintética da *paideia* do grande pensador grego.

Refletir com Platão sobre o problema do superficialismo presente na educação humana na atualidade é tentar, em meio a muitos desafios, “[...] redescobrir seus valores, bem como conservar uma postura crítica em relação àquelas ideias que hoje nos parecem irrelevantes” (TEIXEIRA, 1999, p. 8).

Para Platão, o homem deve cumprir bem o seu papel, enquanto cidadão, preocupando-se com a elevação em direção ao Bem. Mas, ao contrário, parece que o homem no estágio atual perdeu a esperança, a vontade, a força em querer alcançar a porta de saída da caverna (REALE, 1999) e, conseqüentemente, alcançar para si a libertação, não as sombras do erro e da ignorância. Nesse contexto, vislumbrando a clássica pedagogia platônica:

Somos desafiados a pensar uma educação integral, que supere os unilateralismos de nossos sistemas educacionais. Isso implica formar o homem em todas as suas dimensões e não somente na dimensão intelectual. Parece-nos insuficiente educar apenas o indivíduo competente e capaz de competir e fazer parte do mercado de trabalho. Urge, também, e sobretudo, educar e formar o homem ético, participante de uma comunidade humana e, como tal, incidente sobre a sua realidade social, transformando-a (TEIXEIRA, 1999, p. 8).

Com isso, torna-se fundamental na educação criar mecanismos para despertar no ser humano aquilo que ele tem de melhor, ou seja, a capacidade de problematizar para se tornar autônomo. Pois, de acordo com a Filosofia platônica, não havendo uma formação educacional de qualidade que garanta o desenvolvimento integral e, conseqüentemente, uma preocupação por igual entre as vontades individuais e a vontade universal, não há progresso do conhecimento que já está na interioridade humana. A *polis* idealizada pelo filósofo constituiria a efetivação máxima do processo educacional na história e se tornaria, conseqüentemente, o principal ideal da boa formação ética, cultural e filosófica dos

indivíduos. Essa capacidade humana pode contribuir com o progresso do conhecimento existente na interioridade do próprio homem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivos explicar, de modo sucinto, o conceito de superficialismo educacional e apresentar a crítica socrático-platônica a esse problema, assim como a solução que acompanha essa crítica e seu valor para a educação contemporânea, a partir de uma reflexão filosófica embasada no pensamento do filósofo Platão. Para tanto, fora trabalhado um problema inicial que levanta a necessidade de se promover um progresso integral na educação, a partir da análise daquela crítica iluminada pela *paideia* que o pensador supracitado apresenta como base para a requerida solução.

Em um primeiro momento, foram trabalhados alguns fundamentos daquele contexto grego de educação que influenciaram positiva e negativamente o pensamento de Platão e a compreensão do pensador em questão acerca do ser humano. Foram apresentados conceitos essenciais para o entendimento de sua Filosofia associada a essa proposta pedagógica, enquanto uma pedagogia que busca se fundamentar no investimento na alma (interioridade) e na vivência comunitária (ética e política). Para isso, viu-se a doutrina da reminiscência, como também a compreensão platônica de antropologia atrelada à sua visão educacional. Para evidenciar a proposta educacional preocupada com a adequada relação intersubjetiva, como aquela entre professor e aluno, Platão rompe com os modelos pedagógicos aplicados por Homero, Hesíodo e os Sofistas. Ele aprofunda um novo modelo para a época, ainda fundado na prática da *paideia* grega, porém com recurso crítico consciente a mitos pedagogicamente elaborados e com constante referência a valores objetivos permanentes.

Platão apresenta, portanto, um paradigma de educação nos mesmos moldes vigentes na Grécia antiga, porém, orientado a um processo responsável de maturidade integral, sobretudo no que diz respeito à formação virtuosa dos indivíduos para a *polis*, a comunidade. Nesse sentido, é possível compreender a importância da reflexão pedagógica enquanto preparação de indivíduos autônomos em contextos sociais cada vez mais complexos. O ato de educar não é uma tarefa

que se pode fazer isoladamente. É necessário que haja interpelação, como na prática docente, para que aconteça uma superação dos problemas de desenvolvimento individual e coletivo. Quanto a isso, este trabalho se concentrou sobre o problema do superficialismo educacional contemporâneo, que, sucintamente, pode ser entendido como o pouco aprofundamento no conhecimento e no sentido de determinada circunstância, condição ou tema.

Por fim, para uma melhor contextualização da realidade educacional na cultura, o trabalho discorre sobre a solução platônica e oferece um breve panorama da educação contemporânea, na tentativa de compreender tal realidade e buscar soluções viáveis para os problemas a ela relacionados, em especial, aquele do superficialismo.

A partir da vivência educacional dos gregos antigos, é refletida a forma como ocorreu a inserção do teor superficial do ensino na civilização ocidental por parte dos aristocratas, sobretudo os Sofistas, como também as possíveis heranças que os poetas épicos e dramaturgos atenienses, Homero e Hesíodo, deixaram nesse processo de desenvolvimento pedagógico.

Diante dessa situação, percebe-se que é possível reverter essa negatividade, promovendo uma educação integral inspirada na crítica e na solução socrático-platônicas. Esse processo se dá quando os indivíduos tomam consciência da realidade interior humana e permitem que aconteça o despertar para o verdadeiro conhecimento, assumindo com responsabilidade os mecanismos corretos propostos para a sua boa educação.

Entendido à luz dessa ideia platônica, o papel do educador, como o professor, por exemplo, deve ser o de despertar e provocar o conhecimento já circunscrito pelas potencialidades do discente e pelas condições concretas oferecidas. E o método mais adequado para isso é aquele que o mestre Sócrates denominou maiêutica, uma forma dialogal de fazer com que aquele que está na ignorância alcance a verdade, mesmo sem ainda ser capaz de reconhecê-la. Em outros termos, trata-se da passagem de um conhecimento limitado e de uma consciência ingênua a um conhecimento mais profundo e amplo e a uma consciência crítica.

O processo de desenvolvimento dessa consciência crítica, à luz do pensamento platônico de uma pedagogia com base na formação do homem interior, parte, necessariamente, da abertura que o indivíduo precisa ter para uma experiência de superação da caverna. Isto é, não permanecer fechado na esfera das

meras ilusões ou conhecimentos enganosos, de modo que a alma ou interioridade tenha crescimento efetivo, por meio da formação. Desse modo, o indivíduo educando também se torna protagonista de seu crescimento e de sua formação, otimizada pela troca de experiências que acontecem entre ele e o educador, ou o professor, e entre a escola e o Estado.

A realidade educacional da era contemporânea, mais especificamente do Brasil, a que o pensamento platônico abre margens a uma crítica, fundamenta-se, certamente, em uma construção histórica. A grande dificuldade em desenvolver uma educação integral nos tempos atuais é ter de reverter, ainda que parcialmente, obstáculos culturais e estruturais a esse tipo de formação. Percebe-se, pelo texto, que, já na gênese civilizatória do Ocidente, os valores e as virtudes não eram colocados em evidência. Estes sempre ficaram relegados ao âmbito da idealidade e da crítica moral. No período arcaico, a prática de preparação para a guerra é dominante e determina a virtude. No início do período clássico, a preocupação maior da educação é a estruturação política, predominantemente inspirada pela ganância e pela perpetuação do poder dos aristocratas. Assim, nesses períodos, alguns projetos fracassados de reestruturação pedagógica aparecem. Com isso, serviram de inspiração para que Platão revisse as estruturas reais e buscasse novos caminhos, sempre com uma aproximação constante a um ideal orientador, ou seja, o Supremo Bem. Na prática, esse ideal serviria para que o ser humano se afastasse do mal causado pela ignorância e fosse ao encontro apenas daquilo que seria bom e verdadeiro.

Por fim, é válido ressaltar que a pesquisa concretizada por este trabalho dispõe-se a abrir margens para o aprofundamento e desenvolvimento de reflexões acerca do superficialismo na educação. Sendo esse tema atual, o interesse de continuidade no estudo da proposta pedagógica que o pensamento platônico indica pode proporcionar *insights* relevantes para a educação em geral.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. Tradução Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.7.

ALENCAR, Vanzelândio Dantas de. **Saindo da Escuridão da Caverna para a luz da Educação**. 2016. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. 4. ed. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.

BOBBIO, Norberto. **Qual democracia?** 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BORNHEIM, Gerd Alberto. Análise da admiração ingênua. In:\_\_\_\_\_. **Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais**. 9. ed. São Paulo: Globo, 1998. p. 37-54.

BOLLIS, Silvana. **Paideia Filosófica: o sentido da formação n´A República de Platão**. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

BUZZI, Arcângelo R. A sofística. In:\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 149-153.

CHAUÍ, Marilena. Campos de investigação da Filosofia. In:\_\_\_\_\_. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. p.39-51.

CORDÓN, Juan Manuel Navarro; MARTÍNEZ, Tomás Calvo. **História da Filosofia: dos Pré-Socráticos à Filosofia Contemporânea**. Tradução Alberto Gomes. Lisboa: Edições 70, 2016.

CULTURA. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. Tradução Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 261.

DA SILVA, Laureandro Lima; DIAS, Gabriel Florenço; SILVA, Alex Pereira da. Lima Vaz e os desafios da compreensão da pessoa humana. **Analecta**, Juiz de Fora, v. 5, n. 5, p. 1-18, 2019. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/ANL/article/view/2345>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

FAJARDO, Vanessa. País com a melhor educação do mundo, Finlândia aposta no professor. **G1**, São Paulo, 24 maio. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/05/pais-com-melhor-educacao-do-mundo-finlandia-aposta-no-professor.html>> Acesso em: 07 maio. 2020.



FAGUNDES, Luís Isaías Vargas. **Platão e a imortalidade da alma**. 2015. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Centro Universitário Internacional, Curitiba, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARARI, Yuval Noah. A árvore do conhecimento. In: \_\_\_\_\_. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 47. ed. Tradução Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 29-51.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. 6. ed. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (Coleção Clássicos WMF).

LAZARINI, Ana Lúcia. **Platão e a Educação: um estudo do livro VII de A República**. 2007. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARTINS, Célia Aparecida; MORAIS, Carlos Willians Jaques. Antropologia e Educação: breve nota acerca de uma relação necessária. **Educação em revista**, Marília, v. 6, n.1, p. 83-94, 2005. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/600>>. Acesso em: 06 maio. 2020.

MEIRELLES, Regina Lúcia Praxedes de; PAUL, Douglas Pereira. A tensão entre Sócrates e os sofistas: uma reflexão sobre o discurso retórico. **Rhema: Revista de Filosofia e Teologia**, Juiz de Fora, v. 16, n. 51, p. 5-24, jan./jul. 2018. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/RHEMA/article/view/1483>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MONDIN, Battista. Os jônios. In: \_\_\_\_\_. **Curso de Filosofia**. v.1. Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1981. p. 19-23. (Coleção Filosofia).

\_\_\_\_\_. Introdução geral. In: \_\_\_\_\_. **O homem, quem é ele?: elementos de Antropologia Filosófica**. Tradução R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980. p. 7-24.

NIETZSCHE, Friedrich. Das coisas primeiras e últimas. In: \_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2000. p. 10-25.

PLATÃO. **As Leis, ou da legislação e epinomis**. 2. ed. Tradução de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010.

\_\_\_\_\_. **A República**. Tradução Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

REALE, Giovanni. **O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais**. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. O grande choque entre a cultura da “escritura” e a cultura da “oralidade” e os diferentes modos de comunicação da mensagem filosófica de Platão. In:\_\_\_\_\_. **Platão**. v. 3. 2. ed. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 7-46. (Coleção História da Filosofia Grega e Romana).

\_\_\_\_\_. A componente ético-religioso-ascética do pensamento platônico e os seus nexos com a protologia das “doutrinas não escritas”. In:\_\_\_\_\_. **Platão**. v. 3. 2. ed. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 181-232. (Coleção História da Filosofia Grega e Romana).

RIBEIRO, Matheus Barbosa. **Educação e política em Platão**: reflexões a partir do livro VII d’ A República. 2019. 263 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2019.

SOARES, Antônio Jorge. **O papel da educação no pensamento político de Platão**. 1995. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

SOUSA, Luana Neres de. O ideal de *kalokagathia* em Xenofonte: uma análise dos excessos. **Romanitas**: revista de estudos greco-latinos, Vitória, n. 2, p. 231-245, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/7419>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SUPERFICIALISMO. In: HOUASSIS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houassis da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2640.

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

TOSTA, Sandra Pereira. Antropologia e educação: interfaces em construção e as culturas na escola. **Revista Inter-Legere**: revista da pós-graduação em ciências sociais da UFRN, Natal, n. 9, p. 234-252, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4415/3604>>. Acesso em: 07 maio. 2020.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. A concepção clássica do homem. In:\_\_\_\_\_. **Antropologia filosófica**. 8. ed. v.1. São Paulo: Loyola, 2006. p. 19-47.

VELOSO, Nívea Caixeta. **Contribuição do pensamento platônico à educação contemporânea**. 2017. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2017.

VIÉGAS, Janilson José Alves. **A Paidéia Platônica**: o projeto filosófico- político-educacional e a refundação da cidade: a educação como conversão e reviravolta da alma e a felicidade possível. 2014. 269 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.